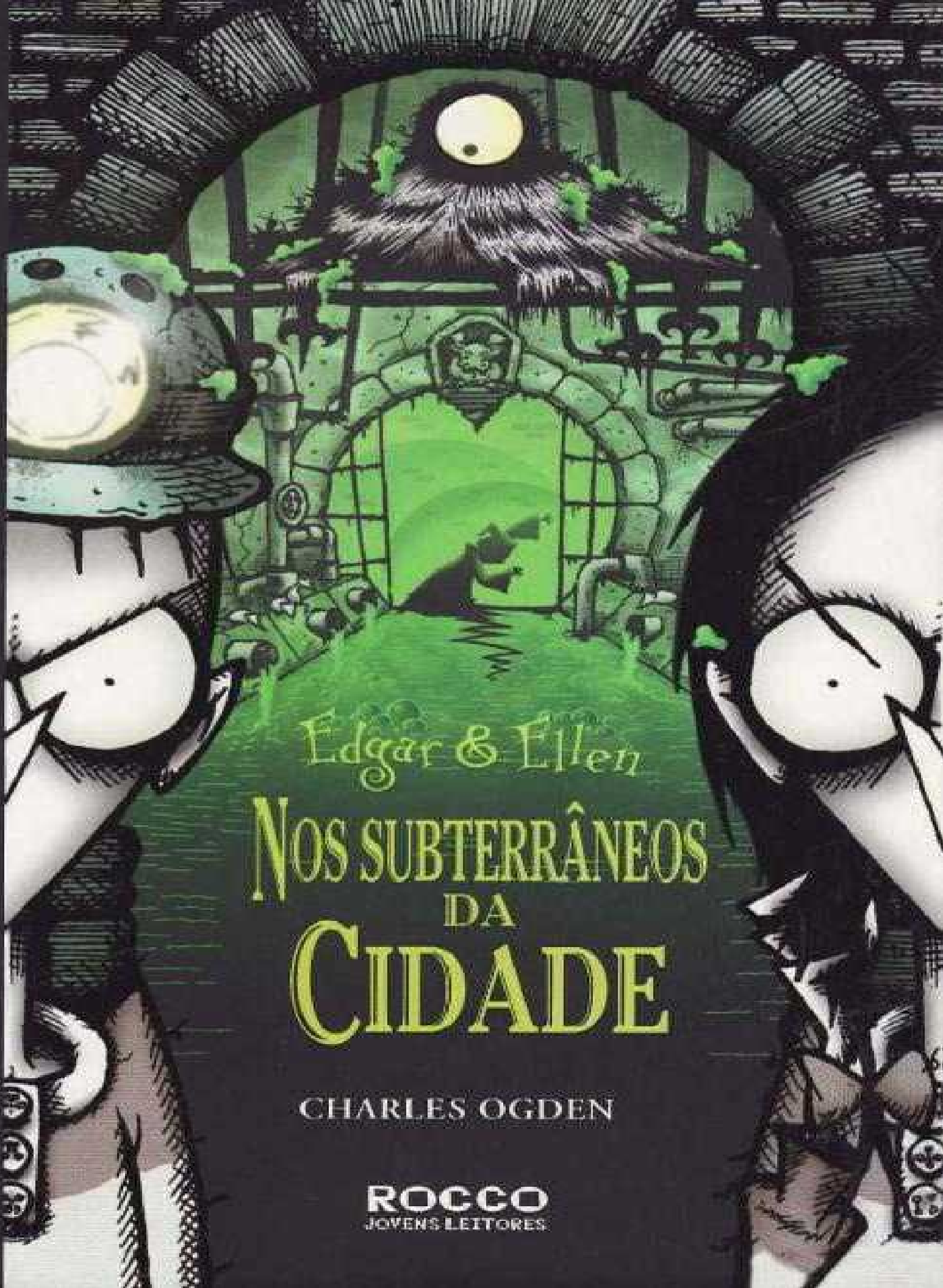
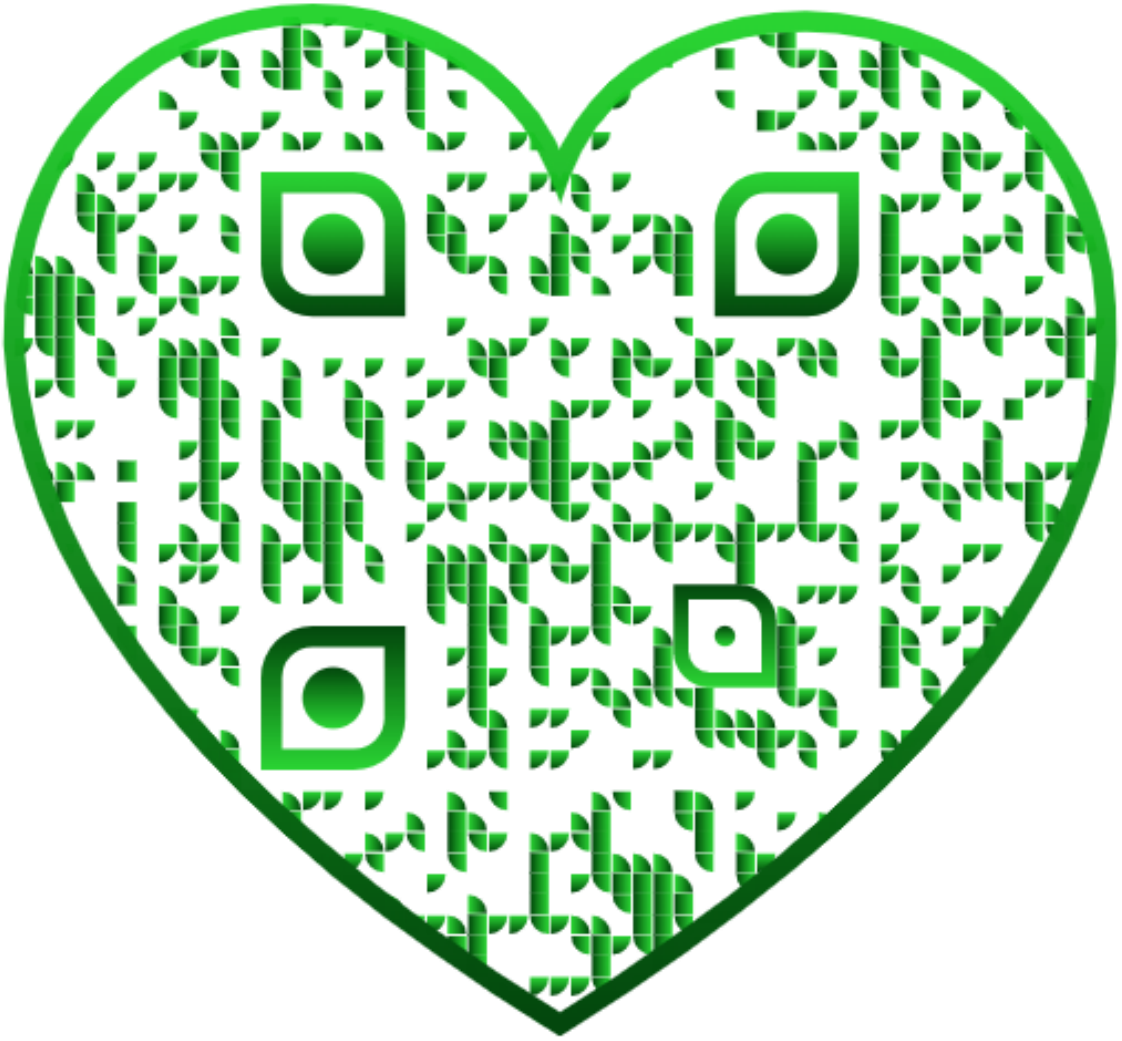


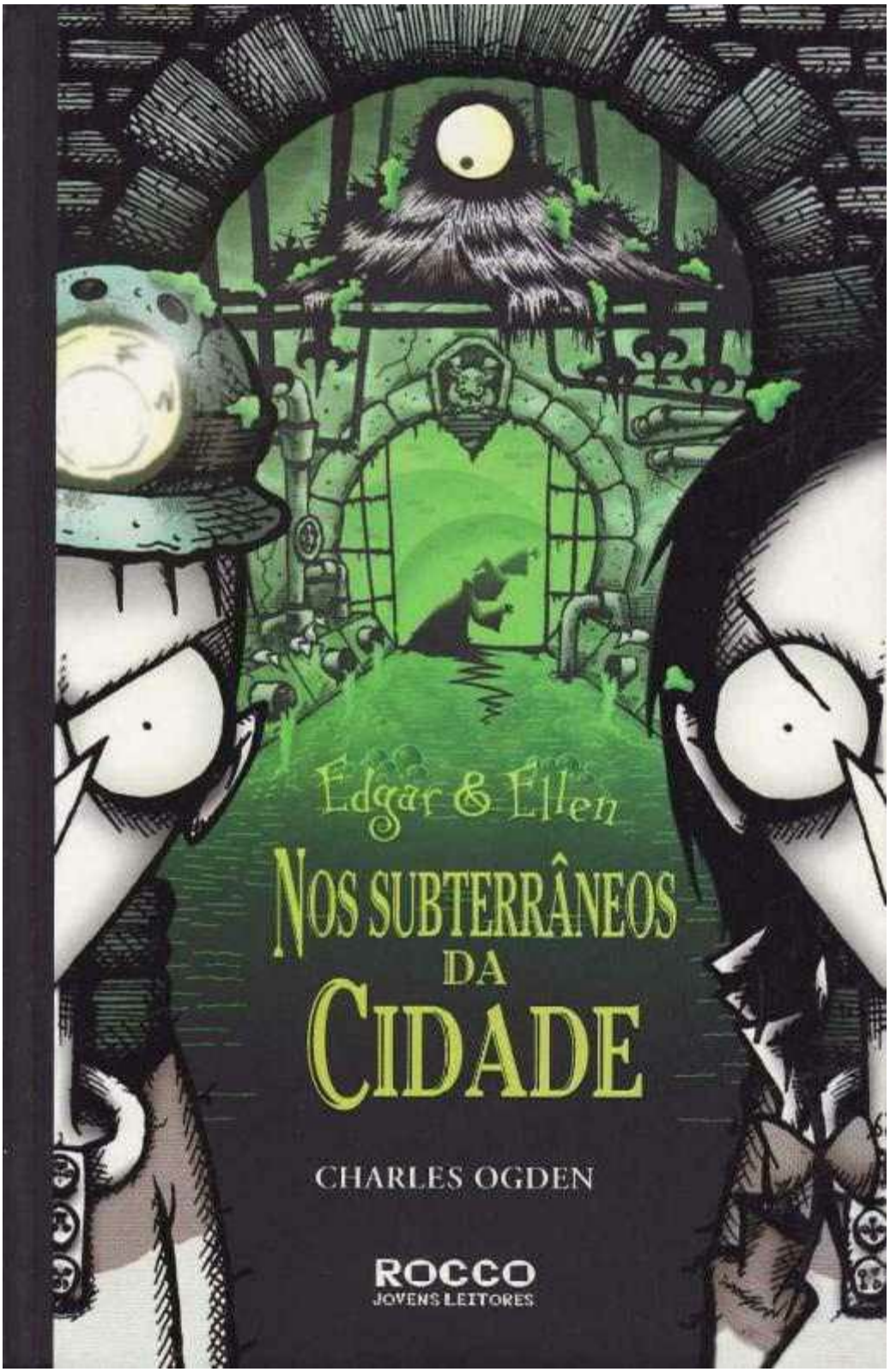
Edgar & Ellen

NOS SUBTERRÂNEOS DA CIDADE

CHARLES OGDEN

ROCCO
JOVENS LEITORES





Edgar & Ellen

NOS SUBTERRÂNEOS DA CIDADE

CHARLES OGDEN

ROCCO
JOVENS LEITORES

Título original EDGAR & ELLEN UNDER TOWN

*Printed in Brazil/Im*presso no Brasil

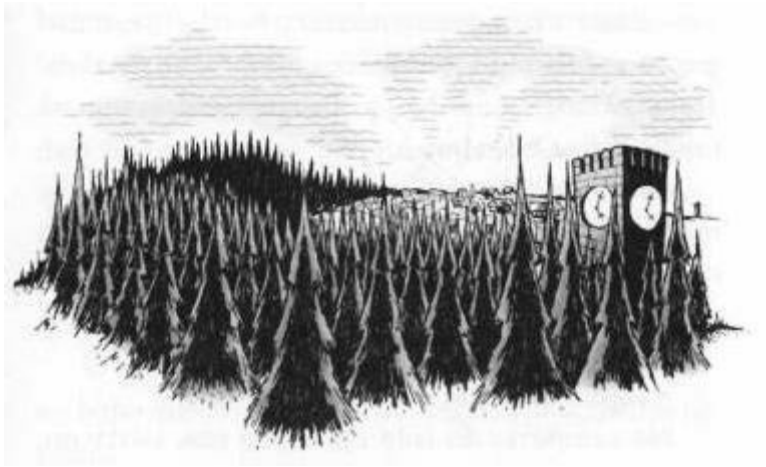
CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.
O28e Ogden, Charles
Edgard & Ellen: nos subterrâneos da cida
de/Charles Ogden;
ilustrações de Rick Carton; tradução de Lia Wyler.
—
Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
Tradução de: Edgar & Ellen: under town ISBN 978-85-325-2214-6 — Primeira edição I. Literatura infanto-juvenil. I. Wyler, Lia Alverga. II. Título. III. Título: Nos subterrâneos da cidade. IV. Série. 07-2367 CDD: 028.5 CDU: 087.5

MINHA DEDICATÓRIA:

À J*en,*
cuja pena coloriu meu texto, que pintou tijolinhos
para mim. Por iluminar os caminhos subterrâneos,
devo a minha conclusão a P*opio.*

À *Chris,*
por seus temperos aromáticos, Da*vid p*elo vício de
cantar, a Th*e Farm que* me transportou em crise para
uma terra de espigas mais douradas.

— CHARLES



Amanhece

O sol nascente demorou-se atrás das montanhas orientais de Nod's Limbs, talvez relutando em mostrar sua cara em manhã tão fria. Os garis municipais Claudius Roe e seu filho Charlie que dali a pouco terminariam seu giro matutino pararam à entrada de uma garagem. Apoiando-se na vassoura, Claudius leu a manchete da Gazeta daquele dia:

CONSTRUÇÃO DO HOTEL KNIGHTLORIAN MARCADA PARA BREVE

Construtora Smelterburg acelera preparativos para iniciar obras no Dia da Fundação

— Então, vão mesmo construir o hotel. É um milagre considerando a catástrofe que foi o Fes tival da Torrada Francesa... todas aquelas autoridades traumatizadas — disse Claudius.

— Pelo visto aquela jornalista não se incomodou — respondeu Charlie. — Graças ao artigo dela sobre a nossa cidade, o prefeito vai poder construir o hotel, e nós vamos ter o lixo dos turistas para varrer...

O pai virou a cabeça depressa.

— Papai? Ei, papai, você está bem?

No cemitério do lado oposto da rua, estalaram gravetos e ecoou um rosnado. Charlie divisou indistintamente as silhuetas dos túmulos, fileira após fileira, solenes e imóveis à fraca luz matinal. O ruído se repetiu ao mesmo tempo em que alguma coisa esvoaçou entre as lápides e desapareceu.

O rosnado cessou e tudo ficou silencioso.

— Eh, papai? E, eh... está quase amanhecendo... Talvez seja melhor a gente, eh... ir andando...

Charlie se virou e viu o pai se afastando rápido.

— Quando você está certo, você está certo — gritou Claudius para o filho.

Quando os dois homens se foram ligeiros, um vulto encapuzado passou do cemitério para o lixão vizinho, parando para contemplar uma casa muito estreita e muito alta. Uma luz brilhava em uma janela circular quase no topo; o resto da casa estava às escuras.

O vulto enfiou a mão nas dobras de uma capa e tirou uma fotografia desbotada. Revelava uma cena bizarra em que dezenas de pessoas aterrorizadas, cobertas de melado, se encolhiam de terror sob o ataque de uma nuvem de pássaros. Ao fundo, porém, havia duas figuras, vestidas de pijamas listrados inteiriços, que não se encolhiam. Na aparência eram quase idênticas, mas uma era uma garota e, a outra, um garoto. Em meio ao caos, eles davam a impressão de estar dançando.

O vulto amassou a fotografia, guardou-a de volta no bolso interno da capa e em seguida desapareceu na bruma.

1. Torta ao café-da-manhã

Nod's Limbs estava alvoroçada com a notícia do hotel de luxo. O prefeito pretendia construí-lo no terreno do lixão da cidade, substituindo "aquela aberração cívica" por "um monumento à cultura e sofisticação". Brevemente o Hotel Knightlorian seria mais famoso do que a torre do relógio de Nod's Limbs, a Macieira Brava e as sete pontes cobertas sobre o rio Corrente.

A construção estava praticamente iniciada e faltavam apenas alguns dias para o Dia da Fundação, a comemoração do início oficial da obra quando suas fundações seriam concretadas.

No balcão da lanchonete Buffy's Muffins, o executivo local Marvin Matterhorn enterrou o garfo em uma fatia de torta de chocolate.

— Um hotel de luxo é ótimo para nós — disse ele. — Trazer dinheiro para a cidade, sem dúvida, o turismo traz.

Os outros fregueses sentados ao balcão concordaram com a cabeça.

— É verdade, é verdade... mas tenho pena do casal Elines — comentou Buffy, servindo café para duas senhoras idosas. — Eles dirigem o Hotel Motel há quarenta anos e agora talvez tenham de fechar o estabelecimento.

— Bobagem — replicou Marvin Matterhorn apontando um garfo cheio de torta para Buffy. — A concorrência é boa para os negócios. Fortalece! Ve ja, por exemplo, essa firma de urbanização de Smelterburg...

— Ah, não me faça falar deles — interrompeu Buffy. — Forasteiros. Por que o prefeito Knightleigh não contratou a nossa Smithy & Filhos? Construtores locais para construções locais, é o que digo.

— Errou outra vez — respondeu Marvin Matterhorn. — A Construtora Smelterburg é famosa pela velocidade nas obras. Velocidade é igual a tempo e tempo é igual a dinheiro! Escute o que estou dizendo, Buffy: quanto mais cedo esse hotel abrir, mais cedo você enriquecerá servindo a sua fantástica torta de flocos de chocolate aos turistas.

Dizendo isto, ele levou depressa o garfo à boca e mastigou por um momento.

Suas bochechas incharam como as de um sapo. Ele se engasgou e tossiu e cuspiu pedaços de torta. Buffy e seus outros fregueses olharam espantados.

— ISTO-NÃO-SÃO-FLOCOS-DE-CHO— COLATE! — berrou Marvin Matterhorn. Ele examinou uma coisa escura em seu prato. — Parecem... parecem... r*aspas de pneu!*

Buffy abriu um pote de cerâmica em que estava escrito "FLOCOS" e apanhou

com a mão um punhado do conteúdo.

— Alguém substituiu o meu delicioso chocolate por pedacinhos de borracha! — exclamou ela. — Quem fez isso? Por quê? Só uma pessoa realmente terrível faria uma coisa dessas. Buffy tinha certa razão.

2. Maldades terríveis

Havia *duas* pessoas terríveis em Nod's Limbs capazes de estragar uma torta dessa maneira. Eram gêmeas, irmã e irmão e moravam sozinhos perto do cemitério, na periferia da cidade. Eram altos para sua idade, magricelas e pálidos, tinham cabelos pretos e sempre usavam pijamas listrados inteiriços e iguais. Fazia anos que seus pais tinham saído em viagem de férias ao redor do mundo, segundo o bilhete que deixaram ao partir, e nunca mais voltaram.

A casa dos gêmeos era uma confusão de tons cinzentos de alto a baixo, erguia-se onze andares estreitos na superfície e afundava dois andares abaixo dela. No alto da porta de entrada havia gravada a palavra *schadenfreude,* que significa "prazer obtido com o sofrimento alheio".

Os dois habitantes da casa tinham hábitos estranhos e passatempos ainda mais estranhos, e todo o tempo que passavam a sós proporcionava aos seus concidadãos uma bem-vinda tranqüilidade. Os gêmeos não liam o jornal local nem tomavam parte nas fofocas da cidade — por isso nada sabiam do hotel que ia se instalar ao seu lado.

3. Arremesso

Toimmm!

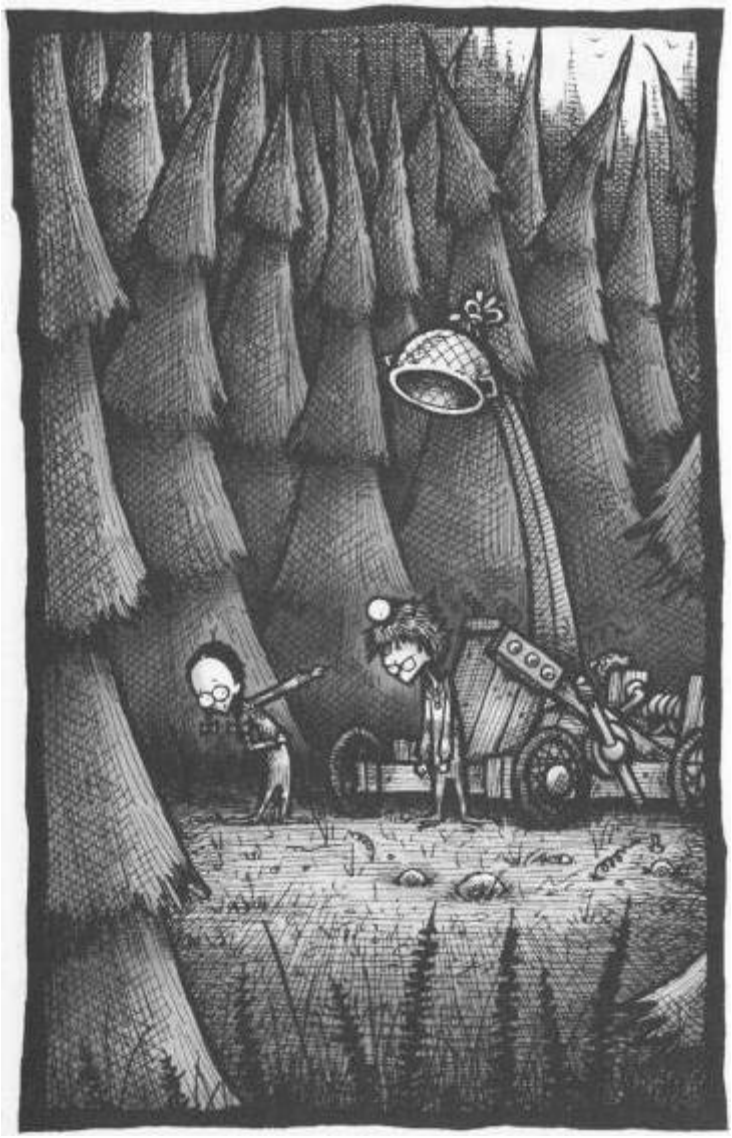
Uma pequena bola de pêlos engordurados voou pelo ar e aterrissou como uma peruca na cabeça de Edgar.

— É um bom penteado para você, mano — caçoou Ellen. — De cabelos compridos você parece uma versão feia de mim.

— Você já *é uma* versão feia de você mesma — retorquiu Edgar. E arrancando o animal peludo da cabeça, arremessou-o contra a irmã. Ellen agarrou Bicho no ar; seu olho único e amarelo se arregalou, mas o animal não resistiu quando Ellen tornou a enfiá-lo na cesta da catapulta.

Durante semanas os gêmeos estiveram na Reserva da Floresta Negra,

construindo — ou mais exatamente, não construindo — sua última engenhoca. Uma série de obstáculos continuava a atrapalhá-los. Ainda na noite anterior, os gêmeos entraram escondidos no recreio da Escola de Ensino Fundamental de Nod's Limbs com a intenção de roubar os enormes balanços de pneus para usá-los como rodas para a catapulta. Mas a diretora Mulberry, tendo recebido várias queixas de tonteira em crianças que giravam no brinquedo violentamente, mandara retirar os pneus, picara-os e os espalhara sob o escorrega para amortecer as quedas. ("Uma criança tonta é uma criança que não aprende", dissera a diretora na ocasião.)



— Não seja grosseiro c*omigo, E*dgar — falou Ellen. — Não fui eu que estiquei as molas até arrebentarem.

— Você me trouxe molas curtas demais. Esta catapulta não consegue arremessar o Bicho nem a trinta centímetros e é tudo...

— ...culpa sua.

— ...culpa s*ua.*

Ellen avançou para Edgar, que saltou ligeiro para um lado. Mas ao passar pelo irmão, Ellen agarrou-o pelo decote, e despencou no mato levando-o junto. Os dois se desvencilharam do mato e rolaram pelo chão da floresta, dando murros e pontapés

com as pernas e braços finos. Assustados os bichos da mata fugiram daquela moita de cabelos escuros e pijamas listrados.

Por fim, exausta, Ellen se apoiou em um tronco coberto de musgo, ofegante.

— Por que é tão difícil construir uma simples catapulta?

Edgar cuspiu um bocado de agulhas de pinheiro. — Porque nada é simples em uma catapulta.

4. De Volta à prancheta

— Só mais uma viagem ao Cemitério de Utilidades — disse Edgar — e vou lhe mostrar que cara tem uma boa mola. — Ele tirou um pequeno gravador da mochila e falou para o aparelho: — Observação n? 326: não encarregar Ellen de procurar peças.

Normalmente, a idéia de ir ao lixão vizinho à sua casa deixava Ellen muito feliz. Ela e o irmão sempre encontravam ali objetos que podiam usar em suas armações — gaiolas de passarinhos, pedras de amolar, manequins, peixes-espadas empalhados, máquinas de algodão-doce. Certa vez Ellen apanhou uma pilha de placas de trânsito escritas "Pare" e colocou-as a cada seis metros da avenida Cairo, a via mais movimentada da cidade. Isto provocou um engarrafamento de proporções nunca vistas em Nod's Limbs, e muitas pessoas que moravam fora da cidade, e não estavam acostumadas a trafegar em um caos daquele, perderam o dia de trabalho no trânsito.

Hoje, porém, depois de dezenas de idas ao Cemitério de Utilidades para procurar peças para a catapulta, Ellen gemeu só de pensar em novas buscas. E, pior ainda, um pouco mais cedo tinham visto Heimertz rondando o jardim.

Heimertz era o zelador da casa e da propriedade em que moravam desde que os gêmeos tinham lembrança, embora as atividades dele em geral compreendessem tarefas aparentemente inúteis como descascar a casca das árvores mortas e regar pe dras. Os gêmeos jamais tinham ouvido o zelador dizer uma única palavra, contudo ele sempre parecia saber o que os garotos estavam fazendo. Seu comportamento imprevisível e o constante sorriso esquisito inspiravam em Edgar e Ellen o único medo mortal que eles já tinham sentido na vida.

Ainda naquela manhã, quando passaram pelo barraco em ruínas do zelador, eles

ouviram sua sinistra música de acordeão. Mesmo enquanto tocava o instrumento chiante, Heimertz estivera parado à janela rachada, observando os gêmeos.

Ellen estremeceu só de lembrar.

— Anime-se, Ellen — disse Edgar. — Imagine o dia em que conseguirmos fazer a catapulta funcionar. Roubaremos do museu de cera as réplicas do zôo e as arremessaremos no playground da escola na hora do recreio. Porcos vão voar. E vacas, e galinhas...

— Tá, tá — respondeu a irmã com um suspiro. — Mas se conseguirmos fazer a catapulta funcionar, quero lançar ninhos de cupins na casa de árvore nova da Stephanie Knightleigh.

Ellen esfregou o dedo mindinho, que não tinha unha. Ela a perdera em uma briga com a filha do prefeito.

Edgar tornou a ligar o gravador.

— Observação n? 327: Ellen tem sérios problemas de ressentimento.

5. Pedras e tijolos podem arrebentar seus miolos

Edgar e Ellen não eram os únicos com interesses no Cemitério de Utilidades. Próximo à entrada eles repararam em uma pilha de tijolos que chegava à altura de seus queixos pontudos e tinha a largura de seus braços abertos. Ao lado da pilha havia várias sacas de mistura para argamassa.

— Olhe quantos tijolos! — exclamou Ellen.

— Só um bobo, ou um filho de Nod's Limbs, jogaria fora um material desses — comentou Edgar. — Sabe, mana, por uns dois dias, a gente devia se concentrar em outra coisa além da catapulta.

— Em que você está pensando, mano?

— Temos uma acerto de contas com a diretora Mulberry por destruir os nossos pneus. — E tirou um batedor de carne de sua útil mochila. — Que me diz de quebrarmos todos esses tijolos e espalharmos os cacos no playground? Isso vai render uns bons joelhos ralados.

Ellen arrebatou o batedor de carne da mão do irmão e acertou um dos tijolos. Soltou uma lasquinha.

— Levaria vinte anos para quebrar tudo. Acho que prefiro uma coisa mais imediata. Vamos despejar argamassa na piscina da escola.

— Essa idéia não funcionou com aveia, lembra? — Edgar parou um instante. — Ahá! Normalmente para que se usam tijolos?

— Para quebrar vidraças. Não... para afundar barquinhos de brinquedo.

— Estou perguntando o que as outras pessoas fazem com tijolos?

— Constroem coisas, imagino. Edgar, eu me recuso a voltar a trabalhar naquele seu aríete.

— Aquele era um plano banal. Este é f*antástico.* Vamos emparedar a entrada da escola. E talvez as janelas também, se sobrar argamassa.

Ellen puxou uma de suas trancinhas.

— Nada mal. Esse plano novo parece mais divertido do que a porcaria da catapulta. Mas como é que vamos transportar os tijolos?

— Arrastamos eles naquele capo de carro que usamos como trenó.

— Atravessar a cidade com toneladas de tijolos só iria provocar perguntas indesejáveis.

— *Se form*os pela superfície, mana, mas não se a gente for por baixo.

6. Sob a superfície

A inacreditável localização do Cemitério de Nod's Limbs bem ao lado do lixão foi idéia do primeiro prefeito, Thaddeus Knightleigh, que decidiu reunir todos os usos insalubres da cidade em um local único e afastado do centro.

Entre os túmulos e as lápides tradicionais erguia-se um dos mausoléus mais imponentes em três condados, lugar do eterno descanso de Thaddeus e da longa linhagem de seus descendentes que foram prefeitos desde então. Ao pé desta bela tumba de mármore, um bueiro pluvial servia aos gêmeos de porta de entrada e saída para os esgotos.

Na maioria das cidades, os esgotos são escuros, sujos e malcheirosos. Ninguém entra neles a não ser que tenha absoluta necessidade ou seja empurrado. A maioria dos moradores de Nod's Limbs também não tinha se aventurado a entrar, mas se tivesse talvez se surpreendesse.

Os esgotos de Nod's Limbs eram prodígios de engenharia e arquitetura. Quando foram construídos há alguns séculos, eram quase alegres, claros e tão limpos quanto as ruas sob as quais corriam. Silas Smithy, o mestre construtor que ergueu os primeiros prédios da cidade, queria que o sistema de esgotos de Nod's Limbs fosse a sua obra-prima: uma série de belos bulevares subterrâneos onde se poderia fazer um passeio à beira-rio mesmo com o pior tempo. A intervalos regulares, grades

permitiam que os raios solares penetrassem a escuridão, iluminan do plenamente as calçadas embaixo. Arcos de pedra sustentavam os tetos abobadados e gárgulas e esculturas decorativas davam aos esgotos uma aparência de mosteiro medieval.

O elemento mais notável dos esgotos era, no entanto, seus canais. Corriam ao longo das calçadas as águas das chuvas captadas por calhas e bueiros em toda a cidade. Esses canais passavam pelo centro dos túneis e, de fato, não carreavam imundícies. As águas servidas (vindas dos vasos sanitários e pias) seguiam por tubulações diretamente abaixo dos canais. Por vezes, nos primeiros tempos, uma folha ou um graveto (ou um raríssimo fragmento de lixo) ia parar nos canais, mas em sua maior parte os esgotos eram livres de cheiros e sujeiras indesejáveis.

Esses magníficos bulevares corriam diretamente sob as ruas da cidade. Até mesmo sob os bairros mais novos havia amplos túneis, embora estes mais modernos não pudessem se comparar em sofisticação com os originais.

Quando Nod's Limbs era apenas uma jovem cidade, seu departamento de obras limpava diligentemente os esgotos uma vez por semana, fazendo com que as pedras brancas refletissem a claridade e os canais cintilassem. A época, Silas Smithy chamou-os de "a mais grandiosa arquitetura s*ob* a face da terra".

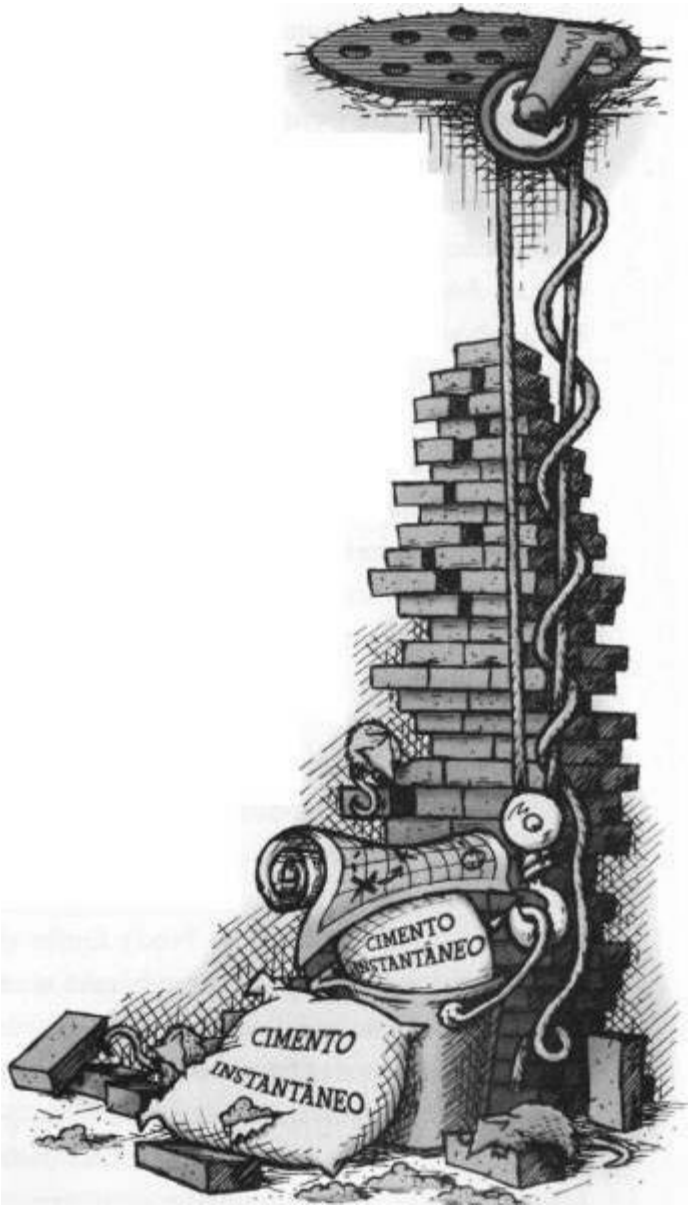
Infelizmente foi uma idéia sem continuação. Fosse porque o custo da limpeza das ruas e dos edifícios públicos subiu ou porque somente a família Smithy tivesse aceitado sem restrições a noção de passeios prazerosos embaixo da terra, com o passar do tempo a limpeza de esgotos foi excluída da lista de prioridades cívicas. A cidade cobriu muitos bueiros ao calçar as ruas, deixando o sistema de esgotos escuro e frio. A sujeira não tardou a entrar pelas fendas e rachaduras das pedras. Manchas escuras se espalharam pelas calçadas, subiram as paredes e atravessaram as altas abóbadas. A não ser que alguém olhasse atentamente à luz de uma forte lanterna era difícil perceber a arquitetura caprichosa dos esgotos construídos para evocar os belos passeios europeus.

7. O progresso do ladrão

Edgar e Ellen começaram
a explorar os subterrâneos
quando eram muito jovens
e conheciam os tortuosos caminhos

sob a superfície de Nod's Limbs tão bem quanto a maioria das pessoas conhecem o caminho para o banheiro no meio da noite.

Naquela noite, os gêmeos andaram pelos subterrâneos transportando cargas e mais cargas de tijolos até uma saída de esgoto ao lado da escola. O trabalho era lento: as calçadas estavam úmidas e escorregadias e a única luz que tinham para guiá-los vinha do capacete de Edgar. Mais de uma vez sua carga quase caiu dentro do canal, invadido há tempos por detritos e organismos vivos que preferiam a umidade e a escuridão.



Finalmente, com o último tijolo no lugar, Edgar sentou-se no alto da pilha e tirou um conjunto de desenhos de sua mochila.

— Amanhã à noite, assentaremos os tijolos — anunciou ele, abrindo as plantas no colo. — Uma parede com cinco tijolos de espessura vai precisar de algum tempo para ser derrubada: eu diria que no mínimo uma semana.

— No mínimo — concordou Ellen.

— Subiremos os tijolos quando escurecer para poder começar assim que Janitor Clunch terminar a ronda. Prendi uma roldana na borda da saída do esgoto para içar os tijolos. Você trouxe o balde?

— Pela centésima vez: trouxe — respondeu Ellen.

— Não podemos nos dar ao luxo de esquecer nada, Ellen — replicou Edgar. Ele enrolou os desenhos e guardou-os no balde. — Quero dedicar à Escola de Ensino Fundamental de Nod's Limbs os nossos melhores esforços.

— Vamos ver a diretora Mulberry tentar picar ist*o* — *d*isse Ellen às gargalhadas.

Apesar das dores nas costas e nos braços depois de um dia de levantamento de peso, os gêmeos voltaram pulando pelos esgotos e cantando:

Para tristeza da nossa diretora
Logo dias de atraso irão começar.
Vamos mostrar a astúcia dos gêmeos
E tijolo a tijolo a escola emparedar!
Saltitando por esgotos fedidos
Onde os fracos hesitam entrar,
Enfrentamos trevas, umidade, sujeira — Vias perfeitas para confusões armar. Sob a terra onde a imundície transborda, Em casa nos sentimos confortavelmente estar!

8. Contra a parede

Quando Edgar e Ellen se dirigiram à escola, na manhã seguinte, viram um engarrafamento ao longo da avenida Cairo que ia até a rua Ricketts. O tráfego — fosse de bicicletas, motos ou caminhonetes — estava paralisado. Os motoristas buzinavam e se queixavam.

— Quando foi que você instalou os sinais de parada obrigatória? — perguntou Edgar.

— Não instalei — respondeu Ellen. — Isso deve ser coisa sua: você pregou uma das nossas peças sem mim!

— *Eu* não tive nada a ver com isso.

Os dois não conseguiram ver o motivo do congestionamento até se aproximarem da escola.

Havia um ajuntamento de professores, pais e crianças no jardim da escola, aparentemente sem pressa de entrar apesar do segundo toque da sineta. Todos estavam parados olhando para a ponte coberta do lado oposto da rua, onde os motoristas sacudiam os punhos no ar e davam gritos de frustração.

Os gêmeos procuraram chegar à frente da multidão e então viram: uma parede de tijolos vedava a entrada da ponte.

Uma fila igualmente longa de veículos esperava na outra margem do rio, onde o motorista de um grande caminhão de lixo buzinava furiosamente.

— É exatamente a nossa idéia — exclamou Ellen —, exceto que em vez de ser a

escola, é a ponte!

— É como se alguém tivesse copiado o nosso plano, mana. Mas quem? Quem sabia o que estávamos tramando?

O sol irrompeu entre as nuvens como se respondesse aos dois. A parede parecera plana e uniforme, mas agora as sombras indicavam que não era bem assim: alguns tijolos destacavam-se do resto da parede. Os que estavam mais próximos, inclusive os gêmeos, exclamaram ao perceber que não era um arranjo aleatório de tijolos mal assentados. Muito ao contrário, eles formavam um nome: "O PEDREIRO."

9. Acalmem-se, receosos cidadãos

Um murmúrio de susto percorreu a multidão. Cidadãos preocupados sussurravam uns para os outros "Que tipo de monstro é esse Pedreiro?" e "Por que alguém iria obstruir uma simples via pública?" e "Puxa vida!". A chegada de um veículo oficial, porém, fez cessar o clamor.

A limusine do prefeito passou por cima da calçada e estacionou defronte à ponte. O prefeito Knightleigh desceu, caminhou decidido até a parede, examinou-a brevemente e se virou para os cidadãos.

Bem à frente Penny Pickens choramingava e se escondia na saia da mãe. Atrás delas, Marvin Matterhorn deplorava os perigos de os rebeldes causarem atrasos aos trabalhadores. A sra. Elines apertava a bolsa nervosa e espiava para os lados. O prefeito Knightleigh pigarreou.

— Senhoras e senhores, crianças de Nod's Limbs: por favor, não entrem em pânico! Cheguei e a situação está sob controle. Eu, prefeito Knightleigh, me comprometo a encontrar esse Pedreiro e mandar prendê-lo. Que ele viva até o fim dos seus dias confinado em uma cela de prisão, porque eu não negocio com vândalos!

O prefeito fez uma pausa. Várias pessoas ainda contemplavam com ar de dúvida a espantosa obra do Pedreiro.

— Que faremos, sr. Prefeito? Precisamos proteger nossas crianças! — perguntou em voz alta a srta. Croquet, uma professora local.

— É evidente, minha cara. Até que este vilão seja capturado, vou impor um toque de recolher às 18h ou ao pôr-do-sol, o que ocorrer primeiro. Por favor estejam em suas casas a essa hora e não esqueçam de trancar as portas. Não conhecemos a natureza desse Pedreiro, mas devemos considerá-lo assustador e perigoso.

Os pais balançaram solenemente a cabeça e afastaram seus filhos da cena do crime.

O prefeito dirigiu-se aos motoristas nos carros:

— A todos vocês que trafegavam ordeiramente para o trabalho: não deixem que este pequeno obstáculo os impeça de chegar a tempo. Afinal, temos *outras seis pontes nesta* maravilhosa cidade. Vamos ser gratos que Thaddeus, de quem descendo em linha direta, tenha tido a visão de construí-las! Ele sabia que, mesmo em um futuro longínquo, um dia como esse poderia ocorrer.

10. O que Yumley viu

— Desapareceu. Desapareceu tudo! — exclamou Ellen.

Enquanto todos ouviam o discurso do prefeito Knightleigh, os gêmeos desceram aos esgotos e foram ao lugar em que, poucas horas antes, haviam deixado os tijolos.

Não havia tijolos, nem argamassa, nem plantas de arquitetura.

— Roubo! — comentou Edgar. — Roubo dos mais infames!

— Não posso acre*ditar que* você tenha deixado aquele diagrama aqui para qualquer um levar — admirou-se Ellen. — Por que você não aproveitou para pendurar luzes pisca-pisca e um letreiro:

"AQUI: PLANOS DIABÓLICOS; LEVE ENQUANTO ESTÃO QUENTES?"

— Isto é um comportamento vergonhoso de marginal — enfureceu-se Edgar. — Onde estava o departamento de polícia de Nod's Limbs enquanto esse desordeiro aprontava?

— Mano, parece que não somos os únicos a usar os esgotos. O Pedreiro tropeçou nos nossos suprimentos com a maior facilidade, mas talvez tenha deixado alguma pista ao fugir.

Edgar tirou o capacete da mochila.

— Mana, se ele estiver nos subterrâneos, nós o acharemos.

Eles percorreram túnel após túnel, acompanhados apenas pelo ruído dos seus passos na pedra molhada e o rumorejo do canal. A lâmpada de Edgar projetava uma luz fraca, e eles encontraram apenas os rastros de argamassa que se lembravam de ter deixado cair na noite anterior.

O túnel por fim dividiu-se em três outros menores. Um conduzia uma tubulação para o rio Corrente, outro seguia para o centro da cidade e o terceiro de volta à casa dos garotos.

Os gêmeos deram alguns passos em cada direção.

— Tenho de admitir, Ellen: esse tal Pedreiro cobriu todos os rastros dele.

Ellen suspirou e ergueu os olhos para uma sorridente gárgula de pedra empoleirada no alto em um vão. Os monstros alados marcavam as principais interseções de túneis e com o decorrer do tempo os gêmeos haviam batizado todos.

— Querido Yumley — disse a garota —, se ao menos v*ocê pud*esse nos dizer em que direção foi o danado do Pedreiro.

— Yumley viu mais do que está querendo contar, mana. E a não ser que você tenha andado por aqui de botas, acho que encontrei uma coisa.

Edgar se ajoelhou em uma trilha que ia na direção da casa deles e apontou a lâmpada do capacete de modo que Ellen pudesse ver. Era mais argamassa — desta vez com a impressão do salto de uma bota.

— Parabéns, mano — disse Ellen. — A pegada denuncia o autor.

— Ele estava indo em direção ao Cemitério de Utilidades.

Os gêmeos não encontraram nenhum outro indício na continuação do túnel e quanto mais perto chegavam da saída para o lixão, maior se tornava sua incerteza.

Estavam em vias de refazer o caminho e procurar em outro túnel quando ouviram um rangido metálico mais à frente no alto .

Rrrrriiiirrrrr... BLEM!

— A tampa de uma saída de esgoto! O Pedreiro está fugindo! — exclamou Edgar.

Os dois dispararam em direção ao ruído. Ziguezague para a esquerda, curva para a direita — o túnel virava para diante e para trás, mas logo eles chegaram a uma passagem conhecida que terminava sob o bueiro pluvial ao pé do túmulo de Thaddeus Knightleigh.

— Ele pode ter fugido por qualquer uma das saídas entre aqui e o mausoléu — comentou Ellen.

— Deve haver no mínimo umas vinte — concordou Edgar. — Com certeza ele já está longe.

Os gêmeos passaram pelo último arco do túnel, guardado por uma gárgula. As asas abertas e as presas à mostra, Horace estava sobre uma pedra que tinha a seguinte inscrição:

Os gêmeos observavam com alguma freqüência que esta não era uma descrição muito exata atualmente, mas agora tiveram a atenção desviada para o piso embaixo da gárgula. Caída na sujeira e na lama havia uma foto amassada.

11. Os novos Vizinhos

Os gêmeos examinaram a foto da xaropada caótica em que, no meio da confusão, os dois dançavam.

— Um achado muito inquietante — comentou Ellen. — Parece que um espião vem nos seguindo desde o Festival da Torrada Francesa.

— Que tente nos passar a perna outra vez. Ele não faz idéia com quem está se metendo — disse Edgar quando chegaram à escada que conduzia ao bueiro pluvial.

Eles emergiram no cemitério. Quando Edgar estava repondo a tampa do bueiro no lugar, Ellen exclamou:

— Olhe! — e virou a cabeça do irmão puxando-a pela orelha.

No lixão vizinho havia vários homens corpulentos de capacetes amarelos parados em torno de um guindaste com o logotipo da CONSTRUTORA SMEL-

TERBURG. Os homens gritaram e pularam para longe ao ver uma barra de aço despencar no chão.

— Desculpe! — gritou o operador do guindaste.

— Que é que *eles* estão fazendo no Cemitério de Utilidades? — perguntou Ellen.

— Agora sabemos quem nos deixou os tijolos — disse Edgar.

Os gêmeos pularam o muro do cemitério e se dirigiram ao capataz, que observava a cena com as mãos nos quadris.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Ellen com rispidez.

O homem se virou de cara amarrada para os dois. Tinha o nome "GUS" escrito em seu capacete e mascava uma bolada de chicletes com cheiro de fruta.

— O que está acontecendo? — repetiu ele. — Estou colocando vocês pra fora, é isso o que está acontecendo. Este local é uma obra. Vão brincar de esconde-esconde em outro lugar.

— Aqui é o nosso lixão — respondeu Ellen.

— He, he. Foi, mocinha. Aqui é onde o prefeito Knightleigh está construindo o novo hotel dele.

Ele apontou para um cartaz em que se lia: "HOTEL KNIGHTLORIAN: FÉRIAS DESLUMBRANTES EM NOD'S LIMBS — BREVE!" O cartaz mostrava uma torre lilás quase idêntica à casa de Edgar e Ellen, exceto pelas janelas intactas, as vidraças limpas e as telhas alinhadas. Em lugar do terreno seco e cheio de plantas nocivas e moribundas, havia jardins aprazíveis, uma piscina e uma área de estacionamento.

Os gêmeos arregalaram os olhos. Tinham visto este mesmo desenho antes no gabinete do prefeito. Mas acharam que os eventos do Festival da Torrada Francesa tinham encerrado os planos do prefeito.

— Eles vão... vão... realmente construir esse monstrengo? — sussurrou Ellen.

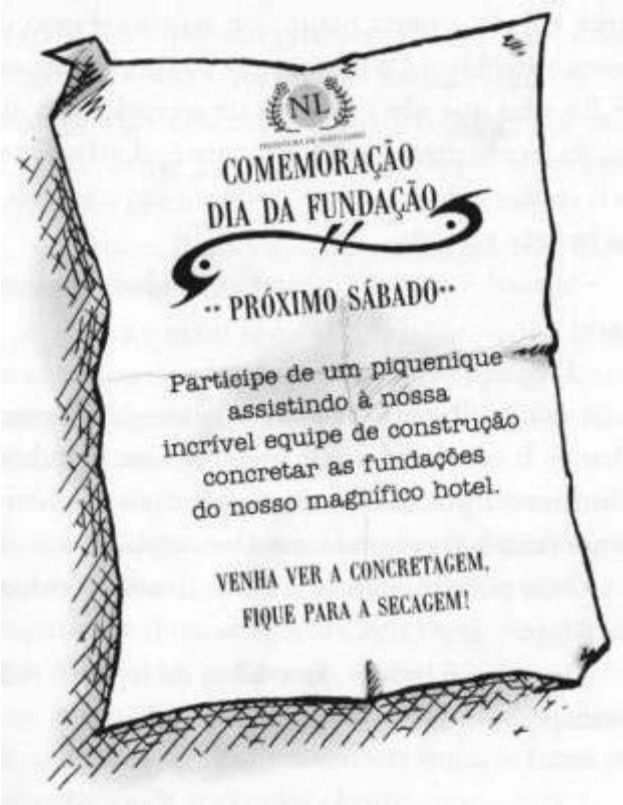
— Mas nós dois sozinhos acabamos com a indústria do turismo aqui — comentou Edgar. — Ouvi aqueles Vips dizerem "Nunca *mais queremos voltar aqui". A* tal Feemore declarou Nod's Limbs um perigo nacional! Como foi que isso aconteceu?

— Chega de conversa fiada. É hora de trabalhar — disse Gus entregando aos gêmeos um folheto que tirara do bolso do colete. — Levem isso para os seus pais. E não quero mais encontrar vocês aqui até o festival — vociferou Gus. — Este lugar não é seguro para crianças, entenderam?

— Puxa. Caramba. Obrigado, moço — disse Edgar enquanto rasgava o folheto.

Gus mordeu o chiclete, esperando os gêmeos irem embora. O que não aconteceu. Ele ia tornar a falar quando tocou uma campainha em seu colete. Ele puxou um celular, cuspiu o chiclete e fez sinal para os gêmeos ficarem quietos.

— Não, senhor, ainda não começamos — respondeu ao telefone. — Sim, a esta hora os caminhões já deveriam ter removido todo o lixo daqui, mas estão presos no tráfego por causa do problema na ponte... Sim, senhor... Lamento, senhor. — Gus desligou o telefone e atirou o capacete no chão. — Não é culpa nossa se não podemos trabalhar. O tal Pedreiro rouba os nossos tijolos e fecha a única ponte que agüenta o peso dos nossos caminhões! Os nossos caras não podem atravessar. Eu sabia que não devíamos ter aceitado uma obra fora de Smelterburg. Agora fora, vocês dois! — Quando ia se afastando o homem tropeçou em um cano de aço largado no chão.



— Simon! — gritou o capataz. — Cuidado com esses canos!

— Desculpe — gritou o operário.

— *Nós r*oubamos aqueles tijolos — resmungou Ellen. — E apanhando o chiclete de Gus prendeu-o com firmeza por dentro do capacete do homem. — Vamos fazer um penteado novo nesse falastrão.

— Não podem remover o nosso tesouro — comentou Edgar.

— Esquece o lixão — disse Ellen de repente. — E a Berenice?

12. O apuro de Berenice

Em um canto distante do lixão, Edgar e Ellen pararam junto a Berenice. Ellen cultivava a planta carnívora desde que ela era uma mudinha. Durante anos Berenice

crescera em uma armação de cama descartada e seus galhos grossos agora enlaçavam firmemente as varas de ferro, impossibilitando o seu transplante. Suas sementes eram pontiagudas e brancas e lembravam dentes. Toda noite elas caíam no chão e eram substituídas por novas sementes na manhã seguinte. Os gêmeos não sabiam explicar este fenômeno e as muitas tentativas que Ellen fizera de replantar as sementes não tinham produzido nem um brotinho verde.

— Berenice, Berenice — murmurou Ellen. — Como podemos mudar você daqui?

A garota puxou algumas gavinhas, mas a planta não afrouxou o seu aperto. Em vez disso, engoliu uma joaninha. Edgar sorriu ao ouvir o barulhinho de fritura que a planta fazia ao digerir.

— Que é que você quer dizer com "mudar"? — perguntou Edgar. — Por que você está desistindo tão rápido da casa da Berenice? Este lugar é nosso e se Knightleigh quer se apossar dele, terá de lutar... à moda medieval.

— A moda medieval? — admirou-se Ellen. Então um sorrisinho se espalhou em seu rosto. — Estou entendendo aonde você quer chegar.

A garota contemplou a fotografia que conservava na mão.

— Não se preocupe, Pedreiro — disse ela. — Cuidaremos de você assim que a Berenice estiver a salvo.

Os gêmeos passaram o resto do dia na floresta serrando pranchas de madeira, procurando grampos e testando a durabilidade de sua catapulta. Ellen consertou eixos bambos enquanto Edgar reforçava o punho da manivela.

Muito depois de o sol se pôr, eles se recostaram e reviram o trabalho feito.

— A mira ainda não está firme — disse Edgar — e não podemos erguer o braço muito alto.

— Você é tão perfeccionista, Edgar. A única coisa que importa é se a catapulta vai poder lançar cargas de porcas, saca-rolhas e caroços em quem se atrever a entrar no nosso lixão.

— Quase. Mais um dia de trabalho e vamos despejar tormentos nesses intrusos. Prepare-se, mana: vamos travar uma guerra sem tréguas pela Berenice.

13. Falta alguma coisa no lixão

Quando, porém, eles se aproximaram do Cemitério de Utilidades na manhã seguinte, repararam que não havia nem gente nem caminhões. A única atividade vinha de Gus, o capataz, que andava pelo terreno agitando os braços e gritando outra vez ao telefone.

— Me conte uma coisa que eu não saiba! Posso vê-la daqui. Isto vai nos atrasar mais um dia. Quem já ouviu falar de uma ventania isolada? Vou dizer uma coisa: esta cidade é maldita!

Ele fechou o celular com um estalo e enfiou várias barrinhas de chiclete na boca.

— Oi, Gus — gritou Edgar. — Problemas com os operários?

— Ei, seus pirralhos — respondeu Gus abrindo caminho em sua direção. — Já disse a vocês para ficarem fora daqui.

Quando o homem foi se aproximando, os gêmeos viram uma falha irregular no alto de seus densos cabelos que lembrava uma clareira na Reserva da Floresta Negra. O capataz parecia tão agitado que Edgar ligou o gravador para captar seus disparates.

— Vocês dois são tão doidos quanto esta cidade — desabafou Gus. — Na minha as crianças só usam pijama quando vão se deitar. E não brincam em canteiros de obras perigosos. Agora, dêem o fora, garotos! Xô, mal posso esperar o fim desta obra para voltar a Smelterburg. Do jeito que as coisas vão este hotel está condenado.

Ellen puxou Edgar para trás.

— Ei, eu estava gravando um material legal!

— Esquece o seu gravador — retrucou Ellen. — Que poderia ter atrasado a obra mais um dia?

— Aquilo — respondeu Edgar apontando para o céu. Uma coluna de poeira e folhas e estranhas aparas de metal rodopiavam como um ciclone sobre o centro da cidade. Todo o resto do céu estava claro e azul.

— Mais tormentos que não causamos — comentou Ellen.

14. O dia tempestuoso

Os gêmeos correram em direção à coluna rodopiante de lixo. Ventos uivantes os

conduziram ao rio, onde as folhas coloridas de outono tinham sido prematuramente arrancadas dos galhos, e as árvores balançavam nuas no vendaval. O lixo e a poeira eram impelidos rua abaixo e se juntavam ao tornado que se avolumava espiralando para o alto. O mais curioso eram os detritos em si — longas tiras de jornal, pedacinhos brilhantes de alumínio e rodelinhas fluorescentes. Confete.

O confete se acumulava sobre os carros estacionados, caixas de correio e entradas de casas como em uma nevasca. Carros e caminhões estavam imobilizados pelo entupimento das cavidades das rodas e pára-brisas soterrados. Enquanto os gêmeos observavam o caos, aglomerados de papel colorido cobriam seus tornozelos e pés. Havia um cheiro estranho no ar que Edgar identificou prontamente.

— Querosene de aviação — disse ele com os dentes cerrados de frustração e também para impedir que sua boca se enchesse de papel.

Nas franjas da tempestade, vários cidadãos tentavam corajosamente caminhar pela rua, abotoando os casacos e apertando os olhos para enfrentar a poeira no ar.

— Que acham de um tempo desses? — berrou um homem para os gêmeos antes de cair sentado e ser carregado para longe.

Por fim os gêmeos viram o que tinha enfurecido o capataz. No tráfego paralisado uma fila de caminhões de lixo da Construtora Smelterburg estava atolada em confete até os faróis. Os motoristas espiavam pelo pára-brisas praticamente bloqueados pelo lixo cintilante.

Então, de repente, o vento cessou. A biruta na entrada da casa da sra. Grundell, carregada de papel colorido, arrebentou o cordão que a prendia e caiu no chão. O confete flutuou no ar agora sereno e tornou a cair.

— Metralhadora de festa — murmurou Edgar.

15. Velocidade de turbina

Enquanto os curiosos saíam das lojas e casas para avaliar o prejuízo, Edgar e Ellen procuraram a origem do misterioso vento.

Os gêmeos pararam à entrada da loja de artigos para festas Betty LaFête. Fizeram sinal com a cabeça um para o outro.

Quando entraram na loja, a sra. LaFête, atrás da caixa registradora, ergueu a cabeça e tirou os fones dos ouvidos.

— Ah, vocês me assustaram! — exclamou. — Espero que não estejam esperando há muito tempo. Quando escuto o meu Wolfgang Amadeus, fico nas nuvens. Então, como posso alegrar a sua festa?

Os gêmeos esquadrinharam rapidamente as paredes e prateleiras.

— Ahá! — exclamou Ellen. Na parede, circunscritas em uma enorme mão as palavras: CONFETE DA BETTY: FEITO ARTESANALMENTE COM AMOR. VENDAS NO VAREJO E NO ATACADO, POR AQUl!

Os garotos seguiram a direção indicada até um espaçoso sótão no segundo andar. A sra. LaFête correu atrás deles chamando:

— Crianças! Que está acontecendo? — Então ela parou e soltou uma exclamação. O sótão estava vazio e a grande janela aberta.

— Meu confete! — lamentou-se. — Onde foi o meu confete?

A mulher correu pelo sótão, apalpando o ar como se o seu estoque tivesse simplesmente ficado invisível e só precisasse de um bom aperto para reaparecer. Edgar e Ellen, porém, entenderam na mesma hora. Encostada na parede ao fundo, de frente para a janela aberta, encontrava-se uma grande turbina enferrujada, a mesma que eles tinham resgatado do Cemitério de Utilidades meses antes.

— É a no*ssa t*urbina — disse Ellen.

— É a no*ssa* idéia — disse Edgar. — Tudo isso parece demais, assustadoramente, com o meu plano para a Operação: Chicote. Lembra?

— Esta história está fedendo como o pêlo molhado do Bicho, Edgar.

De repente, os gêmeos ouviram um grito e um baque. Eles se viraram e toparam com a sra. LaFête estatelada no chão.

— Desmaiou? — perguntou Edgar. — É só confete: ela vai poder fabricar mais.

— Não foi o crime que a chocou — disse Ellen ao puxar alguma coisa que a senhora segurava nas mãos.

— Foi o criminoso.

Ellen ergueu um tijolo vermelho. Gravado com letras precisas havia as palavras: O PEDREIRO.

16. Refazendo os passos

— Procurei em cada fresta desta casa — disse Edgar ao descer a escada do sótão-sobre-o-sótão. — Cada desenho, cada pedaço de papel, cada guardanapo amassado em que rabisquei uma idéia genial: tudo desapareceu. Roubados.

— Roubaram os no*ssos* planos em nossa casa! — exclamou Ellen. — Roubar é errado. Imoral! Só a gente devia poder fazer isso sem ser castigado.

— Precisamos encontrar esse Pedreiro e dar um jeito nele. — Edgar enfiou a mão no fundo da mochila e puxou o gravador de bolso. — Isto vai nos ajudar a resolver o caso. Todos os grandes detetives registram os detalhes quando caçam ladrões de jóias e contrabandistas.

— Um verdadeiro Sherlock, não é mesmo? — murmurou Ellen.

— E você um grande Watson — respondeu Edgar —, sempre um passo atrás. — Ele ligou o gravador. — Terça-feira, 8h. A chuva desabava quando vi o confete. Imediatamente percebi que não estava enfrentando um assaltante comum. Por outro lado, eu não era um homem comum...

— Não estava nem chovendo! — exclamou Ellen. Ela deu as costas ao irmão e saiu batendo os pés. — Bah! Divirta-se com o seu brin*quedinho, E*dgar. Tenho trabalho de verdade para fazer. — Onde é que você está indo?

— Vou voltar ao lugar onde encontramos a foto. Talvez a gente tenha deixado escapar alguma coisa.

— Humm — resmungou Edgar. — Não é má idéia... para uma amadora.

Os gêmeos foram para os subterrâneos e começaram a cantar:

Que verme mais atrevido e nojento!
Que cara-de-pau arrombar nossa casa!
Vamos encontrar o bandido e acabar
Com sua pilhagem secreta.
Este Pedreiro pisou num bolão.
Que tente roubar o nosso trovão,
Fazer de nossos planos seu saque!
Os dias desse malandro estão contados.

17. Até os esgotos e além

Nos subterrâneos, porém, foi difícil encontrar outras pistas. Depois de passarem uma hora examinando um trecho de quinze metros de calçada, os gêmeos nada conseguiram achar. Por fim, Ellen bocejou e começou a se afastar.

— Não desista ainda, Ellen — falou Edgar, que continuava a engatinhar. — Podemos encontrar alguma prova judicial.

— Você ao menos sabe o que significa jud*icial?*

Edgar não lhe deu atenção e continuou a busca no chão de arenito. Ellen caminhou pelo túnel, passando a mão pela parede escura. Musgo viscoso enchia rachaduras e falhas e fazia um barulhinho agradável sob sua mão. Ela pinçava com os dedos o tecido verde esponjoso, descascando tiras da parede enquanto andava, e largava-as no chão.

Chiche, plafe. Chiche, plaf. Chiche, plafe. CHICHE.

— Que será isso?! — exclamou Ellen sentindo o musgo se alterar de fino para grosso. Ela examinou a parede mais atentamente e reparou em um espesso tapete que crescia do chão ao teto, mas apenas por um curto trecho. O resto da parede era praticamente nu.

Ellen sentiu um cheiro fraco mas diferente, que não podia vir do musgo, e aproximou-se para espiar. Em um determinado ponto alguém raspara a planta deixando à mostra uma lasca de rocha.

— Alôôô — murmurou ela, empurrando a lasca para dentro. Um grande painel correu para o lado revelando um corredor escuro.

— Ei, sr. Detetive — chamou Ellen. — Veja só isso.

18. Solo sagrado

— O velho mecanismo de abertura disfarçado de inocente lasca de rocha! — exclamou Edgar. — Um truque antigo, mas eficiente.

O túnel por trás da porta era mais baixo e mais estreito do que as outras passagens dos esgotos, com um teto em ruínas e um piso irregular de terra e pedras caídas. As paredes apresentavam marcas toscas de picareta, indicando que alguém as alargara à mão.

— Vou ter de dizer uma coisa em favor do Pedreiro — disse Edgar. — Ele tem um excelente esconderijo.

— E tem também os nossos planos — disse Ellen. — Então mexa-se.

Enquanto Edgar e Ellen avançavam com cautela pelo túnel apertado, pequenos jorros de terra caíam ocasionalmente do teto em seus olhos e cabelos.

— Devemos estar nos aproximando de casa! — murmurou Ellen. — A toca do Pedreiro esteve o tempo todo perto de nós.

O ar parado cheirava a mofo, mas a cada passo, eles inalavam sopros cada vez mais fortes do estranho odor que Ellen sentira no musgo. Era um cheiro de terra, mas adocicado, como a casca de um melão podre. Eles não conseguiam identificá-lo nem decidir se era agradável ou desagradável.

Depois de quase vinte metros, o túnel se abriu em uma câmara ampla e alta. A luz projetada pela lâmpada de Edgar foi absorvida pelo espaço sombrio. Ellen bateu palmas uma vez — um único eco ressoou gravemente pela escuridão.

Passados longos segundos, novos ecos entrecortados responderam.

— Sinistro. Gostei — comentou a garota.

Edgar entrou cauteloso na caverna. Quanto mais se aprofundavam, tanto mais forte e estranho o cheiro se tornava. De repente o piso desapareceu e Edgar deu um passo no vácuo.

— Fim! — exclamou ele, equilibrando-se na borda.

— Cuidado — sibilou Ellen, puxando o irmão para trás. — Nada de cair em buracos a não ser que eu o empurre.

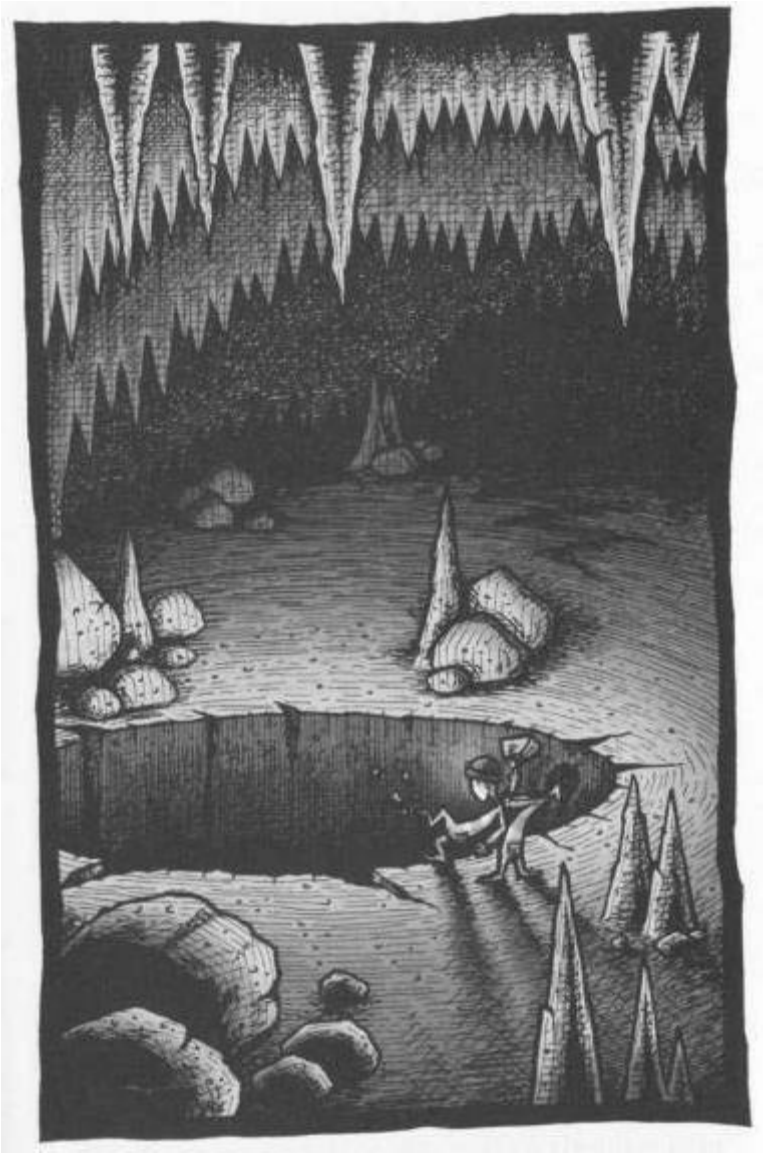
Os gêmeos espiaram pela borda. O buraco era imenso e, quando Edgar apanhou uma bola de gude na mochila e atirou-a dentro, não conseguiram ouvi-la bater no fundo.

O garoto engoliu em seco e apontou para a direita.

— Vamos ter um pouco mais de cuidado?

Os gêmeos continuaram a se aprofundar na caverna. Depois de alguns passos, o reflexo de alguma coisa cintilou ao longe. Quando foram se aproximando, surgiram formas no cone de luz projetado pela lâmpada de Edgar: mesas e prateleiras repletas de copos e garrafas; instrumentos feitos de canos de cobre e metal enferrujado; uma teia de fios e canos ligavam muitos desses objetos incomuns.

— Mana — disse Edgar. — Isto é um l*aboratório.*



19. Um laboratório na escuridão

— O Pedreiro deve ser uma espécie de cientista louco. Nem reconheço a maior parte desses equipamentos. — Edgar apontou para um caixa de madeira fechada com uma manivela do lado como um órgão manual. — Que é que essa coisa faz?

— Vamos descobrir. — Ellen começou a virar a manivela. O caixote soltou guinchos aflitivos como o de pontas metálicas raspando vidro. Faíscas azuis estalaram entre os fios de cobre que saíam da caixa.

— Continue virando! — mandou Edgar. Ele acompanhou os fios que saíam da caixa para uns frascos escuros. Um líquido cinzento nos frascos pulsava a cada giro

da manivela, então ele viu um interruptor ao lado do suporte. — Prepare-se para a ignição — disse ele — ou talvez para alguma coisa faiscante e dolorosa. — Ele ligou o interruptor.

Com um zumbido e um estalo, lâmpadas ovais nas paredes inundaram a câmara de luz. Ellen deixou cair o braço que girava a manivela. O laboratório ocupava metade da caverna e estava cheio de equipamentos, muito mais do que tinham visto à fraca claridade da lâmpada de Edgar: frascos com rolhas, tubos de ensaio, livros, papéis amarelados e instrumentos não identificáveis cobriam mesa após mesa; havia queimadores apagados sob balões de vidro com longos gargalos; tubos de borracha velhos passavam por uma série de béqueres.

Uma fina camada branca cobria cada vasilha e aparelho. Em alguns lugares era fina e flocosa, mas onde era espessa estava úmida, como cola meio seca. Isto parecia ser a origem do cheiro misterioso.

— Será que o nosso Pedreiro é um fabricante de massas? — indagou Ellen, tentando limpar uma pelota em seu dedo.

— Talvez ele vá usar essa cola para nos lacrar dentro de casa — comentou Edgar andando pela câmara, experimentando alavancas e girando botões. Ele apanhou uma pinça de ferro ligada a grossos cabos de eletricidade. — Ah, temos aqui algo sórdido. Talvez ele planeje nos torturar.

— Humm. Pelo jeito, ele não passa muito tempo aqui embaixo — disse Ellen. — Tudo está coberto de poeira.

— Simpático, não? É melhor levarmos algumas coisas para analisar. — Ele abriu a mochila e jogou dentro tudo que coube: uma talhadeira, pinça de ferro, béqueres e balões de vidro.

— Olhe: recentemente ele sacudiu um pouco da poeira dessas mesas — disse Ellen. — E se você não tivesse sapateado o chão todo, eu poderia ter seguido as pegadas dele. Você baralhou tudo. Edgar apanhou o gravador.

— Dez horas. O mistério se adensa. — Ellen solta um forte suspiro. — Descobrimos a toca do Pedreiro, onde ele arma seus esquemas demoníacos para roubar as idéias dos que são mais capazes do que ele. Lamentável, ele é um péssimo dono de casa e receio que o fedor e a poeira estejam prejudicando o cérebro de Ellen; ela se queixa de se sentir deses

tabilizada e aturdida. Será um risco para a nossa caçada?

Um béquer passou voando a centímetros de sua cabeça e foi bater na parede da caverna.

— Pare de b*rincar d*e detetive, Edgar, e comece a se comportar como um detetive de verdade.

Edgar parou para examinar uma prateleira de livros e leu os títulos em voz alta.

— *O Opus Paradoxium, Dominando a matéria, Alquimia para idiotas de aldeia:* isso é tudo ciência para impostores e malucos. Que tipo de cientista *é* esse cara?

O seu olhar recaiu sobre um livro aberto em cima da mesa. Uma caligrafia elegante enchia as páginas amareladas.

— O diário do Pedreiro! — exclamou ele, agarrando o livro.

— Todos os segredinhos dele estarão aí, mano — disse Ellen. — Agora nós o agarramos!

— "Querido diário" — leu Edgar com voz de deboche. — "Hoje apanhei uma coisa que não me pertencia e agora gêmeos enfurecidos estão prestes a me dar a surra que fiz por merecer."

Os gêmeos se sentaram para ler, cantando:

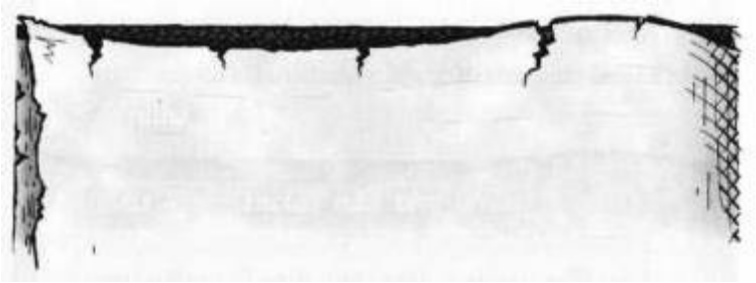
Muito abaixo da superfície quedam
Segredos esquecidos que aí morrerão.
— Segredos! Segredos!
— gritam as cavernas,
Enterrados fundo onde encontrados serão.
Portanto, agora iniciamos uma busca
Neste empoeirado diário —
Quem é o Pedreiro?
Eis a chave
Para ler a sua mente.

20. Notas dos subterrâneos

Edgar folheou as páginas e o livro se abriu mais ou menos no meio. As páginas estalaram, como se fizesse muito tempo que não eram perturbadas.

A espessura da tinta variava, como se alguém tivesse escrito as palavras com uma caneta de pena. Os gêmeos se curvaram e leram:

2 de julho



Novas experiências não têm levado a nada. Tenho suportado semanas sem a menor novidade. A substância simplesmente não reage do modo que eu espero! Para atrasar mais o meu progresso, o equipamento tem exigido freqüentes reparos. O gerador eletrovoltaico tem cada vez menos carga; por isso preciso girar a manivela mais vezes para manter as luzes acesas. Mesmo assim,prefiro as luzes elétricas às velas, que (conforme demonstrei claramente nos acontecimentos do dia 12 de abril) são muito mais perigosas quando se trabalha com o bálsamo. Ah, Parcas! Não me abandonem nesta hora sombria. Musas não me neguem inspiração.

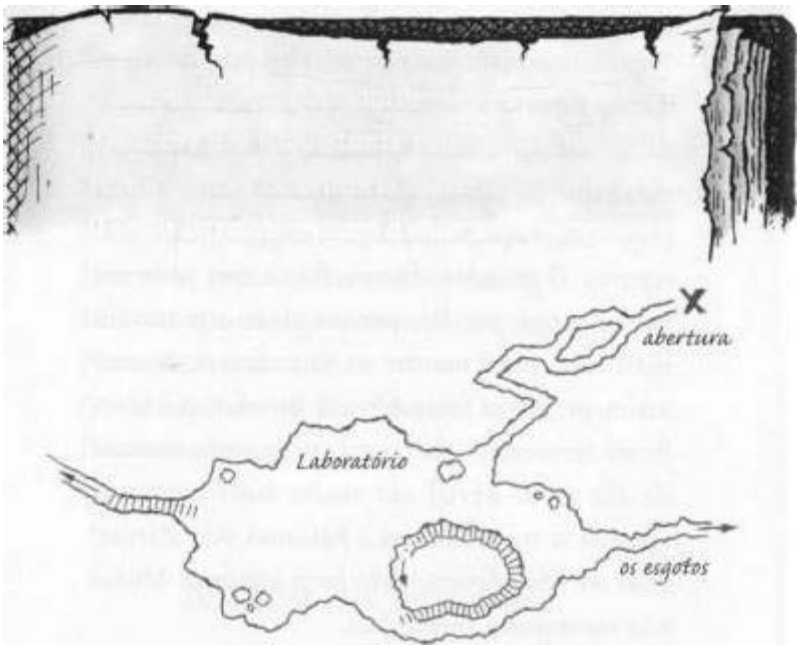
Desespero!

— Que tédio — comentou Ellen. — Salte para a parte em que ele rouba o que é nosso.

Mas quando Edgar virou as páginas o livro se abriu em um mapa desenhado à mão.

Véspera de Todos os Santos
Descobri um inquietante ponto
fraco na segurança do meu labo

ratório subterrâneo:



túneis estreitos cruzam o chão sob a floresta e o cemitério, criando uma verdadeira colméia. Acabei de descobrir que um desses túneis liga o meu laboratório a um buraco na Floresta Negra. Qualquer pessoa perambulando pela floresta, absorto em reflexões, pode despencar e me encontrar trabalhando. Preciso vedar esta abertura para proteger o meu laboratório secreto. Ou talvez eu deva cobri-la com uma estrutura para esconder o buraco de K— e outras pessoas sinistras que procuram descobrir mais sobre o meu trabalho.

— Que dissimulado! — exclamou Ellen. — Ele não precisa usar os esgotos para chegar aqui: tem acesso direto de algum prédio na superfície. — Vamos bater na porta dele — disse Edgar.

21. Em pé de guerra

Com o mapa em mão, foi simples encontrar a saída. As lâmpadas lançavam uma luz bruxuleante na magnífica caverna enquanto os gêmeos foram caminhando até uma parede distante. Quando chegaram à caverna seguinte, menor, porém, as luzes se apagaram com um zumbido.

— Humm. Pavio curto. Igualzinho ao nosso — comentou Edgar. E colocou seu capacete.

Edgar e Ellen começaram uma íngreme subida à superfície. Exatamente como alertara o diário, a nova caverna lembrava um favo de mel. Túneis se bifurcavam e voltavam atrás. Exploradores menos experientes teriam se perdido no labirinto, vagando até morrer embaixo da terra.

Os gêmeos se sentiram à vontade. Perceberam imediatamente um leve sulco no chão, produzido por alguém em anos de caminhadas pelas cavernas.

Seguiram a trilha pelo labirinto até chegarem a um ponto sem saída. Edgar examinou a parede à procura de uma pista até Ellen o cutucar e apontar para o teto. Logo acima, viram um alçapão de madeira.

— A vingança está próxima — sussurrou ela.

A garota apoiou um pé em um nicho entre as rochas e se içou. O alçapão era bem pesado, mas por fim abriu barulhentamente e a poeira choveu sobre seus rostos.

Os gêmeos se guindaram pela abertura. O aposento em que entraram era bem pequeno, tinha um catre, uma porta e uma única janela muito suja. Ellen avançou alguns passos, mas Edgar examinou o aposento com atenção. Alguma coisa sobre a rachadura na janela lhe pareceu estranhamente familiar.

— Uma voz em minha cabeça está gritando "Abandonar a embarcação" — disse Edgar —, mas não tenho bem certeza por quê.

Então ele viu o acordeão.

22. Na intimidade

Os gêmeos nunca tinham espiado pela janela do barraco de Heimertz: entrar ali nunca fora sequer considerado. Eles se abraçaram.

— *Heimertz* é o Pedreiro! — exclamou Ellen, cujo sussurro excitado se alteou quase como um grito. — Isto é muito ruim.

— Pior que ruim. Ele esteve nos observando todos esses anos, aprendendo os nossos métodos. Sabe tudo sobre nós!

Edgar estava seguro de que ele e a irmã poderiam ganhar de qualquer um. Mas de Heimertz? Estremeceu.

— Muito bem. Não vamos recuar agora. Heimertz se tornou o nosso inimigo figadal. — A voz da garota tremeu um pouco.

— Vamos procurar o que é nosso antes que ele volte.

Ellen concordou:

— Você vigia pela janela enquanto eu dou uma olhada.

— Quê? V*ocê vigia* pela janela. Foram os *meus* planos que ele roubou.

— Fale baixo! Você está mais perto da janela. Fique vigiando e em poucos minutos estaremos fora daqui.

Edgar começou a discutir, mas um grasnado sinistro do lado de fora o fez calar-se. Ele espiou pela janela, o coração batendo forte.

— Foi só uma gralha — sussurrou ele. — Tá, eu fico vigiando. Mas ande logo.

Com as mãos trêmulas, Ellen abriu as gavetas da decrépita mesinha-de-cabeceira, mas seu conteúdo confundiu-a ainda mais: um globo sem líquido nem neve com um elefante dentro; um desentupidor de pia sem cabo; sete palitos rombudos; três frascos de geléia de damasco pela metade.

— Ali — disse Edgar apontando um malão de navio aberto. — Estou vendo uns papéis enrolados.

— Olhe para fora! — retorquiu Ellen.

Ela mexeu no malão e tirou um grande rolo de papel. Ao abri-lo não eram os papéis de Edgar. Era uma coleção de cartazes de circo.

— Que curioso! — comentou a garota erguendo uma sobrancelha.

— Onde estarão os planos? — indagou Edgar. — Este lugar não tem nem espaço para esconder tudo o que ele roubou de nós.

— Se eu tiver de falar outra vez nessa janela... — A leve batida de alguém mancando sufocou sua voz. Passos pesados se aproximavam do barraco, e os gêmeos sabiam, depois de anos se escondendo exatamente desse barulho, que os passos indicavam a aproximação do zelador.

A maçaneta girou lentamente e os gêmeos mergulharam na abertura do chão. Acotovelandose, eles se precipitaram túnel abaixo. Ao passarem, o alçapão bateu — mas somente Ellen aterrissou no chão. A garota olhou para cima e viu Edgar pendu

rado de cabeça para baixo, o pé esquerdo do pijama preso na pesada porta.

23. Farejado

Heimertz parou à sua porta, ocupando o portal com o seu corpanzil. Usava o mesmo macacão manchado de graxa e exibia o sorriso de sempre. Na mão direita, segurava um machado com a lâmina muito denteada.

Nesse meio-tempo, Ellen apoiava-se no ressalto sob o alçapão, puxando o pé de Edgar o mais silenciosamente possível. Por uma fresta nas tábuas, ela viu o zelador se aproximar. Edgar se balançava desamparado, o suor brotando em sua testa.

O sorriso sinistro não se alterava. Então Heimertz subitamente virou a cabeça e começou a farejar em todas as direções. Inspirou com força e tornou a inspirar mais devagar e lentamente que da primeira vez. Ele chegou mais perto do alçapão, agachou-se e farejou como um mastim.

Heimertz ajoelhou-se diretamente sobre o rosto de Ellen — seus narizes não podiam estar a mais de trinta centímetros de distância e os olhos de Ellen começaram a lacrimejar quando o rosto do zelador encheu as frestas entre as estreitas tábuas. A garota se encolheu nas sombras quando os olhos dele correram da esquerda para a direita e, então, com um bufo final, ele se ergueu bruscamente. Seu sorriso ficou tenso e seus olhos saltaram.

A mudança em sua expressão foi quase imperceptível. Em Heimertz, porém,

parecia um rosto novo.

Ellen mordeu a língua e pendurou todo o seu peso na perna de Edgar. O pé do pijama do garoto soltou com um sonoro rasgão e os gêmeos despencaram no chão e fugiram.

24. Bloqueio de travessuras

De volta ao seu refúgio no sétimo andar de sua casa, Edgar caminhou pelo aposento enquanto Ellen tirava pulgões de um amaranto envasado.

— Podemos pendurá-lo da janela do sótão de cabeça para baixo — sugeriu Ellen, jogando mais um pulgão no frasco de geléia.

— Como é que vamos passá-lo pela janela? Não, devíamos prendê-lo no barraco e não o deixar sair até devolver os nossos planos.

— Só que ele tem um alçapão para os esgotos *embaixo da cama dele!*

— Espere aí: já sei! — disse Edgar. — Com um balde de melado e uma vara de três metros...

— Não — replicou Ellen.

Vários desenhos na parede ilustravam todo o tipo de ataque contra seu novo inimigo. Um mostrava Heimertz coberto de melado e milho e galinhas bicando-o furiosamente. Depois de duas horas de discussão, esta era a idéia mais viável dos dois. Edgar estalou as juntas dos dedos e amarrou a cara.

Todas as vezes que eles se atreviam a espiar pela janela, viam Heimertz embaixo, sentado em um toco de árvore olhando para eles. Em todo o tempo desde que tinham fugido pelo alçapão, o zelador não arredara pé nem desviara o olhar. Onde quer que os gêmeos se refugiassem, parecia que Heimertz já estava encarando a janela de onde espiavam.

— Talvez fosse melhor acabar logo com isso — sugeriu Edgar. — Um tipo de ataque surpresa?

— Tem razão, quanto mais esperarmos mais difícil será — disse Ellen. — É como arrancar fita adesiva das sobrancelhas. É melhor fazer de uma vez, sem pensar muito.

— Exatamente — concordou Edgar, que enrugou a testa enquanto esfregava a própria sobrancelha pelada. — Então, manda ver, mana. Surpreenda Heimertz.

— Na verdade eu não sou muito boa com surpresas, mano. Você é muit*o melh*or com surpresas do que eu.

— Não é verdade: estou sempre me surpreendendo com a sua ignorância e falta de jeito.

Ellen levantou-se de um pulo para avançar em Edgar, então olhou de relance pela janela.

— Ele desapareceu! — exclamou a garota.

— Surpresa — resmungou Edgar.

25. Comportamento incoerente

Ouviu-se um ligeiro movimento no corredor. Edgar enfiou a mão em um malão e agarrou uma perna artificial pelo tornozelo. Ele atravessou o portal de um salto, brandindo a perna como se fosse uma espada.

— Em guarda!

Para seu espanto, Edgar viu apenas uma bolinha de pêlo no poço da escada.

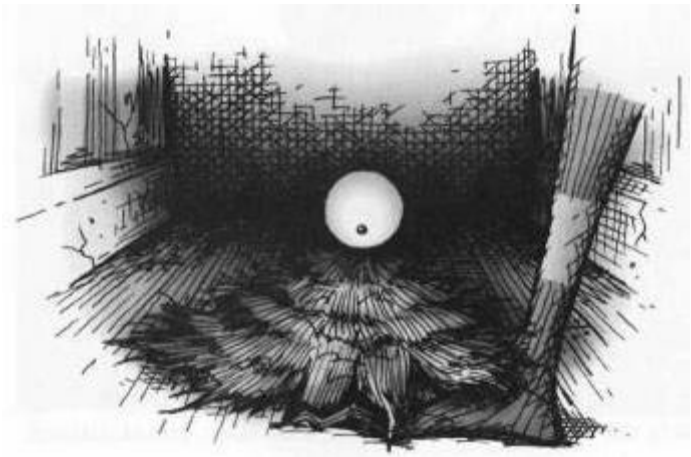
— Hum. Olá, Bicho — disse Edgar. — Desde quando *você* vem *nos* procurar? — De fato era bem incomum Bicho se deixar apanhar desprotegido. Durante anos, ele fora vítima de muitos tormentos. Sua lentidão e sua natureza passiva o transformaram em uma maravilhosa broxa, peteca, entupidor de vaso sanitário e, de um modo geral, um espanta-tédio. Ele parecia não ter prazer nesse tipo de mau trato, por isso era estranho que aparecesse de repente.

— Dá o fora, Bicho — mandou Ellen. — Estamos ocupados.

Edgar atirou a perna artificial para um lado e tornou a se sentar para pensar. Momentos depois, ele sentiu alguma coisa roçando nele.

— Bicho? — perguntou Edgar. De fato, Bicho se esgueirara para junto de Edgar e agora estava sentado em cima do seu pé. — Droga, por que você foi escolher logo hoje para pirar? Raspa fora!

Ele empurrou o Bicho para fora do aposento com uma flexão do joelho.



— Perdeu a cabecinha peluda — comentou Edgar batendo a porta.

— Somos nós que estamos prestes a atacar Heimertz — disse Ellen. — Provavelmente nós também perdemos a cabeça. Mas não temos escolha. — Ela arregaçou as mangas do pijama e saiu com os passos firmes de um matador entrando na arena para enfrentar um enorme touro. Edgar engoliu com força e seguiu-a escada abaixo cantando:

Indômitos, ousados, partimos
A enfrentar o temível oponente
Ele tem revelado astúcia, portanto
É preciso agir com rapidez —
Deter suas patifarias
E embora seja detestável
O momento exige bravura
Porque Heimertz é o Pedreiro!

Quando eles escancararam a porta da casa — ainda sem ter a menor idéia do que iam fazer —, o jardim estava tranqüilo. O crepúsculo descera, adensando as sombras no quintal mirrado.

— Onde está você, Heimertz? — chamou Ellen da porta. — Saia e venha nos enfrentar, *Pedreiro!*

Edgar estalou as juntas dos dedos. Forçou a vista para captar algum movimento, mas tudo estava imóvel.

Mais estalos.

— Pára com isso, Edgar — disse Ellen. — Estou tentando escutar.

— Não fui eu. — Os gêmeos se viraram. Heimertz estava parado dentro de casa, a menos de três metros às suas costas. Segurava uma tigela com amendoins e jogou uma mão cheia na boca, com casca e tudo. Seus olhos inexpressivos encontraram os dos garotos ao mesmo tempo em que mordia barulhentamente, arreganhando os dentes sorridente a cada mastigada.

26. Peixes no barril

Edgar tropeçou para trás e caiu do alpendre. Agarrou a trancinha da Ellen para se equilibrar, mas conseguiu apenas derrubar os dois. Edgar caiu de cabeça em um barril vazio usado para recolher água de chuva, e Ellen aterrissou em cima dele.

— Sai de cima de mim! — gritou Edgar do fundo do barril. — Ele vem atrás de nós!

— Agora, quem é o desajeitado? — berrou Ellen. — Você vai nos levar à morte.

A garota lutou para sair, mas a agitação desequilibrou o barril que virou e rolou pelo jardim.

Para Edgar, em cima virou embaixo e embaixo virou em cima. Ellen bloqueava sua saída em uma direção. Tábuas de madeira podre, que pareciam oferecer menor resistência, bloqueavam a outra. Edgar apoiou os pés contra um lado do barril, baixou os ombros e empurrou.

Pedaços podres de madeira voaram em todas as direções e os aros de metal que os prendiam rolaram com estrondo no chão. Edgar viu-se de cara para as estrelas cintilantes com a boca cheia de lascas.

— Os aros! — gaguejou.

— Já estou muito à frente — disse Ellen saltando dos destroços com um dos aros na mão.

Os gêmeos subiram correndo os degraus da porta de casa e entraram. Heimertz continuava parado onde o haviam deixado, mastigando impassivelmente os amendoins.

— Como você se atreve a roubar o nosso número! — exclamou Ellen. E avançou para a cabeça de Heimertz.

— Sofre, demônio! — berrou Edgar, um passo atrás. Ao dizerem isso, dois aros de metal passaram por cima da cabeça de Heimertz e desceram pelos seus grossos braços, onde o cilharam e prenderam seus cotovelos junto ao corpo. Durante a cena, Heimertz continuou a mastigar e a sorrir sem se mexer. Apesar do aperto dos aros, ele continuou a atirar amendoins na boca.

Ofegando e tremendo. Edgar se virou para Ellen:

— Acho... que o agarramos.

— Acho que sim.

— E agora?
— Sei lá.

27. Bom gêmeo, mau gêmeo

Os gêmeos se afastaram do zelador como se ele fosse uma bomba-relógio.
— Pergunte a ele — cochichou Ellen.
— Eu? Por que eu? — perguntou Edgar.
— Porque eu já salvei sua vida uma vez hoje. Agora é sua vez.
Edgar fez cara feia, mas dirigiu-se ao zelador.
— Sabemos que você é o Pedreiro — começou ele, incapaz de suprimir o tremor em sua voz. — Sabemos que roubou os nossos planos. Onde estão? Confesse!
Heimertz apenas sorriu.
— Podemos dificultar muito a sua vida se você não cooperar — disse Ellen.
Edgar apanhou uma lanterna potente no armário do corredor e saltou para uma cadeira que o deixou da altura de Heimertz. Ele apontou a luz para os olhos do zelador.
— Onde estão os nossos planos? Por que está trabalhando contra nós? N*ão me faça ir buscar as galinhas!* — gritou o garoto, seu rosto a menos de quinze centímetros do de seu adversário. Heimertz não piscou e seu sorriso dentuço não vacilou. Mas a mão de Edgar sim e o facho de luz da lanterna bateu nos dentes reluzentes de Heimertz, e refletiu nos olhos de Edgar.
— Eca! — guinchou Edgar. — Estou cego! Estou cego! — O garoto caiu da cadeira e rolou pelo chão.
Heimertz permaneceu imóvel.
— Edgar, você está nos envergo*nhando* — *s*ibilou Ellen, ajudando o irmão a se levantar e conduzindo-o porta afora.
— Vamos tentar uma tática diferente.
Ela inspirou profundamente e voltou para o indiferente Heimertz.
— Desculpe... desculpe o meu irmão. Ele tem uma tendência a agir precipitadamente sob tensão.
Ellen puxou a cadeira para mais perto — mas não tão perto — de Heimertz e se

sentou. Ela apoiou um cotovelo em uma mesinha lateral, fazendo uma pose despreocupada.

— Sabe, eu realmente gostaria de livrar você desses aros de barril, mas Edgar, ele está decidido a mantê-lo aqui, e talvez fazê-lo passar por coisa pior. Sei que ele estava cobiçando aquela pinça que você guarda no laboratório.

Isto era, de longe, a maior frase que Ellen já dissera a Heimertz. Sentiu a garganta seca, mas prosseguiu.

— Talvez se você me contasse uns detalhinhos, como, por exemplo, por que está nos imitando? Pode me responder isso, certo? Não é muita coisa: posso transmitir isso ao meu irmão e talvez ele concorde em retirar os aros e poderemos continuar esta conversa em um lugar mais confortável.

Heimertz transferiu o peso do corpo do pé esquerdo para o direito. O movimento repentino provocou uma careta em Ellen. A garota desejou desesperadamente um copo de água. Mordeu o lábio e continuou.

— Podemos retirar tudo isso... Inesperadamente Edgar irrompeu no aposento e socou a mesa com os punhos. Ellen sobressaltou-se. Heimertz não.

— Você vai nos contar o que queremos saber ou vai ficar aí a noite inteira, seu... f*acínora* inútil!

Sua voz quebrou ao dizer a palavra "facínora".

A ameaça de Edgar, no entanto, provou-se verdadeira. As horas se arrastaram e não houve súplica, adulação nem tormento que fizesse Heimertz falar nem mesmo vacilar em seu perene sorriso. Os gêmeos descobriram que Heimertz não era alérgico a pólen nem detestava pimenta ardida, não se importava de levar esguichos, não reagia aos gritos de Ellen em seus ouvidos nem às cutucadas de Edgar com a ponta do guarda-chuva.

Ele era uma rocha.

28. A última gota

— Talvez ele não tenha cordas vocais — sugeriu Edgar quando todas as táticas falharam.

— Isto, mano, é um excelente argumento, o que é raro em você. — Ela apanhou papel c caneta e colocou-os à frente de Heimertz na mesa, recuando rapidamente.

— Escreva onde estão os nossos planos.

Heimertz apanhou o papel. Edgar e Ellen o observaram atentamente. Apesar dos braços presos, dobrou agilmente o papel, fez um jacaré de origami e colocou-o com cuidado sobre a mesa.

Não demorou muito e Edgar começou a dar piparotes nas orelhas de Heimertz, sem muito entusiasmo.

— Veja só a que fomos reduzidos — lamentou-se Ellen.

— Estamos atacando o problema de maneira errada — disse Edgar. — É tudo uma questão de poder. Quem detém o poder precisa ameaçar alguma coisa que seja valiosa para o ameaçado. Não temos nada parecido!

Edgar pensou um momento, então correu para o quintal.

Voltou num instante trazendo um martelo e um objeto volumoso oculto em uma fronha.

— Muito bem, acabou-se o tempo para amenidades. Se você não nos disser o que queremos saber — e ele puxou a fronha revelando o acordeão de Heimertz — a máquina de polcas vai dançar! — O garoto largou o instrumento na mesa e ergueu o martelo no alto.

O sorriso de Heimertz não desapareceu, mas com uma contração dos bíceps, ele partiu os aros de barril que o prendiam. Edgar largou o martelo no chão quando o zelador agarrou seu querido acordeão e precipitou-se porta afora.

Alegres acordes de polca subiram do barraco de Heimertz quando os primeiros raios de luz espreitaram a casa.

29. O pedreiro volta a atacar

— Correu melhor do que esperávamos — disse Ellen.

— Do que é que você está falando? — perguntou Edgar. — Ficamos sem os nossos planos e Heimertz está livre para continuar a charada do Pedreiro. Nem ao menos sabemos por *que* ele está fazendo isso.

— É melhor do que ser moído para virar comida de ratos, não é?

Quando os gêmeos iam se retirando escada acima Edgar tropeçou em alguma coisa no patamar do segundo andar.

— Puxa, Bicho, que diabo deu em você? SOME! — berrou o garoto. Mas Bicho esfregou o focinho no pé de Edgar.

— Basta. De hoje em diante declaro extinto o seu privilégio à liberdade! — Edgar agarrou Bicho e subiu aborrecido para o refúgio do sétimo andar, onde havia uma gaiola de passarinho pendurada a um canto.

— Você vai tirar umas férias — disse Edgar, atirando Bicho na gaiola e batendo a porta. Ainda se ouvia o refrão dissonante do acordeão pela janela aberta.

— Desafinadão! — gritou e ligou a televisão para abafar a música. O canal de TV Aberta de Nod's Limbs apareceu na tela.

A esta hora da manhã, Tug Wollmers, apresentador de Notícias Rurais Matutinas, estava in formando animado a alta no preço dos pés de porco, quando foi interrompido no meio de uma frase por um aviso:

"Interrompemos este programa para mais uma notícia urgente de 'O povo em ação', transmitida pelo Canal de TV Aberta de Nod's Limbs!"

Ellen foi se sentar com Edgar à frente da TV.

— E agora? — perguntou a garota.

"Natalie Nickerson de 'O povo em ação' e a última notícia. Estamos no canteiro de obras do Hotel Knightlorian, onde o Pedreiro cometeu mais um ato perverso contra a nossa bela cidade."

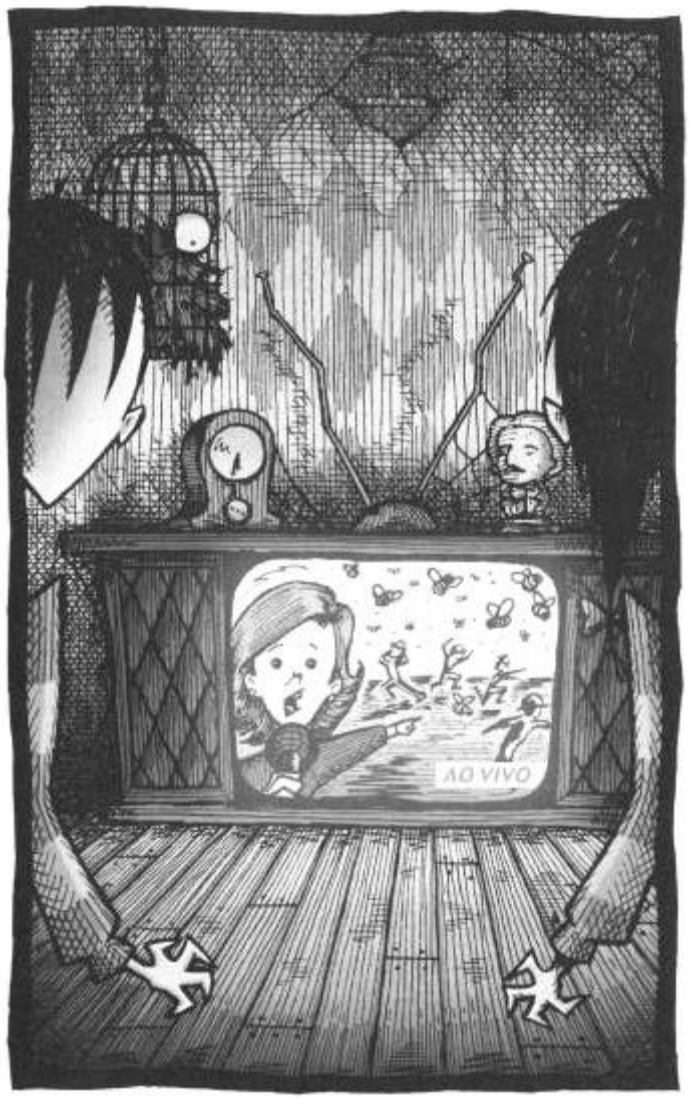
Natalie Nickerson, uma jovem e animada correspondente, os cabelos impecavelmente penteados, estava parada à frente de montes de lixo que Edgar e Ellen reconheceram sem dificuldade. No canto inferior da tela, uma chamada em cor anunciava: "A MARCA DO PEDREIRO; UMA CIDADE SITIADA."

"Ainda não temos os detalhes", continuou a repórter, "mas sabemos que umas trinta colméias em atividade foram roubadas do Zôo de Nod's Limbs a altas horas da noite de ontem. Ao que parece as colméias foram atiradas", ela levou a mão à orelha. "Não, estão me informando agora que foram arremessadas por uma catapulta, é isso? Catapulta? Uma catapulta a cerca de uma hora no lixão que os espectadores estão vendo às minhas costas."

Ao fundo, os gêmeos divisaram dois homens de capacetes amarelos correndo de

quatro pelo local estapeando o ar. Eles tropeçavam e caíam por cima das colméias destroçadas.

"Não sei se os telespectadores conseguem ver em suas telas, mas atrás de mim está cheio de abelhas raivosas. Sem dúvida as mocinhas estão muito perturbadas."



O gêmeos assistiam a televisão boquiabertos. Viram Berenice ao fundo, abocanhando satisfeita as abelhas.

"Estou recebendo a informação de que está a caminho um vídeo da Reserva da Floresta Negra no outro extremo da rua Ricketts." A imagem na TV foi deslocada de Natalie Nickerson para a catapulta: mas o que apareceu não foi totalmente trabalho dos gêmeos.

— Ele consertou a nossa catapulta — comentou Ellen. — Que grosseria.

Natalie Nickerson continuou:

"Aparentemente foi esse o mecanismo artesanal utilizado para lançar as colméias. E... será que é o que estou pensando?" A câmera deu um close no chão

atrás da catapulta. "Que Nod tenha pena de nós! Mais um tijolo com a inscrição O PEDREIRO. Chocante."

Edgar sacudiu o punho fechado e Ellen rangeu os dentes.

"Vamos conversar com uma testemunha ocular. Senhor?" A repórter se aproximou de Gus o capataz que, observaram os gêmeos, usava o capacete bem enterrado na cabeça.

"Oi, sou Natalie Nickerson do noticiário 'O povo em ação'. Que foi que o senhor presenciou hoje de manhã aqui?"

Gus mastigou em seco, afugentando com a mão uma abelha que o rodeava. "Uma quantidade de abelhas enraivecidas!"

"E o senhor viu alguém suspeito rondando o local? Alguém que pudesse ser o Ameaçador Pedreiro?"

O capataz resmungou.

"A única coisa que vi foi um dilúvio de abelhas caindo do céu." Uma abelha pousou na bochecha de Gus e rastejou até sua boca. "Olhe, não sei o que está acontecendo, mas a cidade inteira pirou. Em Smelterburg, chamamos este lugar de Nod's Lesos, e agora sei o porquê!"

De repente a abelha mergulhou em direção ao chiclete de Gus, e entrou direto na boca do capataz. Gus soltou um ganido ao sentir a abelha cravar o ferrão em sua língua.

Natalie Nickerson se afastou do capataz enlouquecido, que agora pulava de dor puxando a língua.

"Então... os espectadores acabaram de ver... o Monstruoso Pedreiro continua o seu reino de terror. Retornaremos sempre que houver novas notícias. Voltamos ao nosso noticiário rural matutino."

Ellen deu um soco no sofá.

— Edgar! Isto não pode ter sido culpa de Heimertz. Ele esteve aqui a noite inteira. E continua a tocar acordeão neste instante. Não pode ter roubado as colméias nem arremessado nada no Cemitério de Utilidades.

Edgar respondeu baixinho:

— Não posso *acreditar* que acabamos de atacar Heimertz sem motivo. Que coisa muito, muito burra.

— É, mas o verdadeiro criminoso voltou a ser um homem normal — comentou Ellen. — O que significa que podemos agir com mais inteligência do que ele.

— Voltamos à caçada, mana.

— O Pedreiro está perdido!

30. Suspeitos incomuns

— Se Heimertz não é o nosso homem, precisamos investigar mais — disse Edgar.

— Enquanto Berenice tiver um dia abençoado para se empanturrar de abelhas, teremos tempo para acabar com esse impostor. Mas por onde começar?

— Primeiro, precisamos fazer uma lista de suspeitos. Depois deduzir o motivo.

Quando terminaram, os garotos tinham uma lista impressionante:

— Agora, quanto ao trabalho investigativo — disse Edgar, lendo por cima do ombro de Ellen —, risque as pessoas que não poderiam ter roubado as nossas coisas. O último nome que sobrar é o nosso vilão.

— Ótimo. Vamos começar pelos que não teriam inteligência suficiente para pregar peças sofisticadas.

Edgar e Ellen olharam pensativos para a lista.

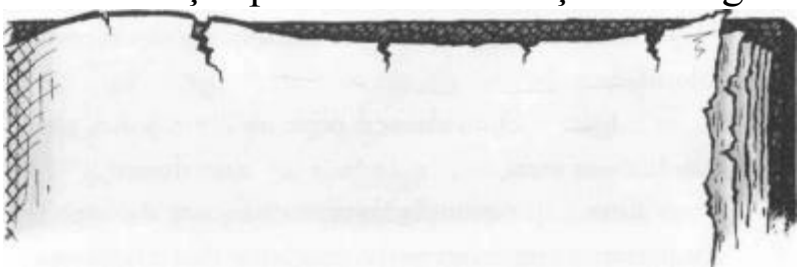
— Isto abrange todo mundo — disse Edgar. A irmã fez uma bola com os papéis e jogou-a fora.

31. Leu um bom livro ultimamente?

— Talvez esteja na hora de dar outra olhada no diário
— disse Ellen.

Edgar apanhou o livro na mochila guardada no armário da entrada.

— Desta vez vamos começar pela última anotação — sugeriu o garoto.



Meados de setembro (ou será de outubro? — nem sei mais)

Sinto a necessidade de buscar uma compreensão melhor do bálsamo. Minha obsessão me levou a viver isolado da cidade e finalmente sinto que estou próximo de fazer uma incrível descoberta. Para dar o próximo passo, preciso mergulhar nas profundezas outra vez e colher mais substância — muito mais do que colhi em um longo tempo. Durante anos, retirei uma quantidade incalculável da fonte, contudo ela não parece secar. Abençoada seja! Onde estaria eu sem ela? Interessante: Pilosoculus me observa atentamente, agora mais do que nunca. Estará preocupado comigo? Coisinha fofa. Vou deixá-lo dormindo amanhã quando sair — para a minha excursão. A viagem pode ser perigosa e não suporto a idéia de arriscar um único pêlo de sua cabecinha hirsuta.

— Do que é que ele está falando? — perguntou Ellen. — Isto não tem ligação alguma com os nossos planos roubados.

— Ellen, você reparou como os ataques do Pedreiro paralisaram completamente aqueles empreiteiros idiotas?

— É verdade — respondeu a garota esfregando o dedo mindinho. — Ele deve estar tentando salvar o Cemitério de Utilidades! Já tem os nossos planos: *agora quer* o nosso tesouro.

— Não, não, não. O laboratório dele! Está tentando proteger o laboratório e o tal bálsamo. É evidente que é a coisa mais importante do mundo para ele. E quando começarem a cavar as fundações do hotel, talvez descubram a sede de suas atividades.

Um estrépito vindo do porão sobressaltou os garotos.

— Heimertz? — sussurrou Edgar.

Os gêmeos acenderam as luzes do porão e espiaram dentro. Edgar desceu as escadas atrás de Ellen.

Uma cadeira desmantelada estava tombada de lado.

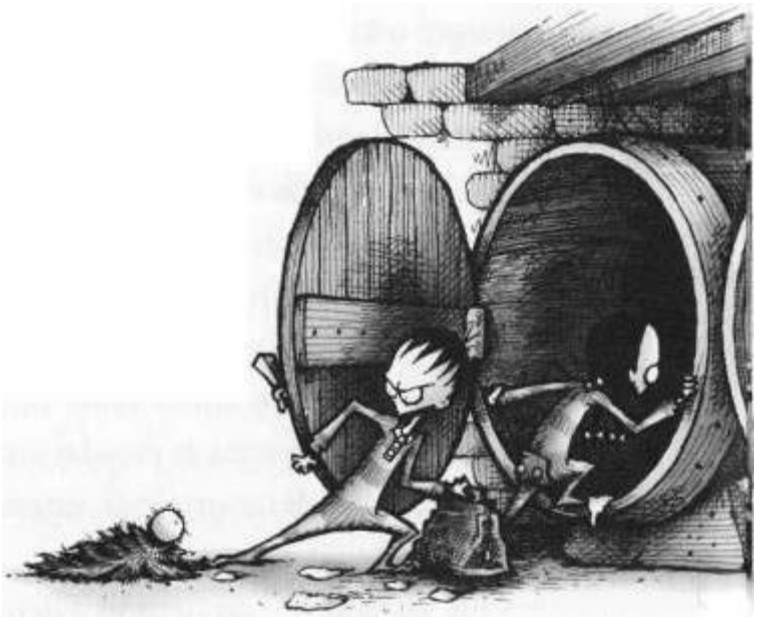
— Que estranho! — comentou Ellen.

A porta para o porão estava aberta e uma bola de pêlos muito conhecida estava parada no degrau mais alto.

— É o Bicho! Como foi que ele saiu da gaiola?

— Não sei — disse Ellen —, mas foi ele que derrubou essa cadeira. Que é que você está fazendo, Bicho? — Ela o apanhou e o segurou sobre o corrimão da escada.

— Seu moleque temerário, saltando no espaço sem corda — falou a menina deixando-o cair. Bicho bateu no chão com um baque surdo.



— Ver o Bicho cair nunca perde a graça! — exclamou Edgar.

— De fato. Vamos experimentar outra vez.

Ao descer a escada, Ellen sentiu o pé do pijama prender ligeiramente em cada degrau.

Bicho caíra em uma poça de uma substância branca e malcheirosa na frente dos grandes tonéis de vinho onde os gêmeos o tinha encontrado anos antes. Ao se abaixar para apanhá-lo, ela viu uma pegada no chão empoeirado ao lado da poça pegajosa.

— Mano, tem uma coisa aqui que você talvez queira ver — chamou a garota.

Edgar desceu correndo.

— Que é?

— Bem aqui, ao lado do Bicho.

Edgar ajoelhou, apoiando a mão em um tonel para se firmar.

Mas não sentiu firmeza. A tampa do tonel de madeira girou para a frente e Edgar caiu de cara dentro dele.

— Outra porta! — exclamou Ellen!

Bicho, que nunca antes manifestara interesse em nada, exceto em televisão e em se esconder dos gêmeos, precipitou-se para o tonel aberto. Andava mais ligeiro do que Edgar e Ellen jamais tinham visto.

A garota mal conseguiu agarrá-lo pelo cangote antes que ele disparasse pela porta.

— Você viu isso?! — exclamou ela.

— Foi mais rápido do que Miss Croquet no dia em que atiramos o saco de salamandras na sala dos professores — comentou Edgar abrindo a mochila. — Deve estar tentando fugir. Põe ele aqui.

Com Bicho preso na bolsa, os gêmeos entraram no tonel e fecharam a porta ao passar.

Era de esperar que o interior de um tonel de carvalho lembrasse, bem... lembrasse um tonel. Em vez disso, os gêmeos se viram no alto de degraus cavados na rocha. Uma luz fraca brilhava embaixo e o cheiro agora familiar impregnava o ambiente. Eles desceram os degraus e saíram em uma câmara cavernosa iluminada por lâmpadas antigas.

Edgar exclamou:

— O laboratório do Pedreiro.

— Não só é perto de nossa casa: é ligado a ela! — disse Ellen, balançando a cabeça. — Que *atrevimento.*

De repente, a mochila começou a se mexer com as batidas frenéticas de Bicho forçando seus lados. Edgar deu-lhe uma enérgica sacudida.

— Fica quieto, seu chato — disse ele e voltou a se dirigir à irmã. — Foi assim que o Pedreiro roubou os nossos planos e a nossa turbina. Foi muito fácil: ele nos invadiu pelo porão!

— Edgar, olhe: as luzes estão acesas. Quando girei a manivela daquela geringonça, a energia só durou uns minutos. Isto significa que...

— Ele esteve aqui agorinha — completou Edgar.

32. O melhor amigo do homem é uma abelha

Na superfície, o prefeito Knightleigh arrastava os pés, nervoso, quando um caminhão entrou no lixão. Três homens desceram da cabine. No bolso do peito dos seus impecáveis macacões brancos estavam bordados os nomes "WENDELL", "WALLY" e "STILLMAN".

— Finalmente. Os exterminadores. Por onde andaram? — interpelou-os o prefeito. — Temos uma *emergência* com insetos e quero estas abelhas fora do meu canteiro de obras, imediatamente!

— Exterminadores? — admirou-se Stillman em voz baixa. — Ah, não, senhor. Não, não, não, somos criadores de abelhas. — O homem correu os olhos pelo lixão, onde enxames de insetos raivosos zumbiam em todas as direções. — Somos do Zôo. O dr. Von Barlow nos mandou. Viemos levar as nossas amiguinhas para casa.

— Escutem aqui — disse o prefeito Knightleigh. — Preciso trazer as equipes da construtora para cá hoje e tenho uma sessão de fotos para o jornal à tarde: essas abelhas precisam ser removidas imediatamente. Vocês têm algum mecanismo a vácuo para aspirá-las? Um pulverizador tóxico? Um mata-abelhas?

Os criadores de abelhas exclamaram admirados.

— Isto não será necessário, senhor — informou Stillman calmamente. — Só precisamos conversar um pouco com elas. As coisas vão se resolver num piscar de olhos.

— Conversar com elas? — repetiu o prefeito. — Não, nada de conversar.

Matar! Esmagar! — Uma abelha pousou na manga do prefeito. Ele gritou e ergueu a mão para lhe dar um tapa.

— Cuidado, senhor! — alertou-o Wendell. — Esse é o Rupert.

— Pronto, pronto, Rupert. Ele não ia lhe acertar — disse Wendell erguendo a abelha no dedo e alisando suas asas.

— Em uma hora, as nossas amigas estarão em casa, que é o lugar delas, e o senhor poderá voltar a construir o seu hotel — falou Stillman.

— Verdade? — O prefeito pareceu duvidar.

— Conhecemos as nossas abelhas, senhor.

33. Reza de caçador

Os gêmeos deixaram o laboratório do Pedreiro e entraram no esgoto. Bicho parará de se debater, por isso Edgar abriu uma fresta na mochila e tirou o capacete. A luz amarela piscou, mas imediatamente começou a desaparecer.

— Ah, não! Ag*ora* não! — disse Edgar. A lâmpada se apagou deixando os gêmeos em total escuridão.

— Psiu — sibilou Ellen. — Ouvi alguma coisa. Ecoaram passos de alguém correndo pela calçada à esquerda.

— Siga-me! — sussurrou Ellen.

As batidas abafadas dos pés dos pijamas ecoaram pelos corredores e tetos abobadados. Mas não eram os únicos sons. Centenas de arranhões ressoavam à sua volta e Ellen sentiu alguma coisa passar correndo por cima de seu pé.

— Ah, ratos.

— Que foi? — perguntou Edgar.

— Ratos. Roedores. Pombos de esgotos. Não é o Pedreiro. — Uma onda de bichos veio em sua direção e Ellen saltou para o lado para evitá-los. Aterrissou na borda do canal e se desequilibrou, agitando os braços a esmo para recuperar o equilíbrio. No momento em que seu corpo começou a cair na água suja ela sentiu uma mão agarrá-la pela trancinha esquerda e puxá-la de volta. E ela se estatelou ofegante no piso de pedra.

— Obrigada, Edgar, você estava me devendo essa — disse a garota enquanto seu salvador se afastava a toda velocidade. — Aonde é que você está indo?

— Como assim? — perguntou Edgar. — Eu estou aqui: sacudindo um rato para longe do meu pé.

— Edgar! — exclamou Ellen. — Ele esteve bem aqui do meu lado! O Pe*dreiro puxou o meu cabelo!*

A garota vislumbrou um fraco feixe de luz saindo de uma tampa de poço de inspeção; a luz tremeu quando passou uma sombra por ela.

— Por aqui! — berrou ela.

Os dois perseguiram sua caça como cães, mas quando chegaram a um cruzamento não conseguiram dizer que túnel o Pedreiro tomara.

— Não podemos perdê-lo agora — disse Edgar. — Estamos muito perto.

— Horace, você continua a não ajudar nada! — exclamou Ellen para a gárgula que os contemplava silenciosa.

O ruído de metal arrastado e uma sonora batida.

— O poço de novo! — gritou Ellen.

Eles alcançaram a escada mais próxima. A tampa do poço agigantou-se no alto.

— Depressa, Ellen! Ainda podemos apanhálo na superfície! — disse Edgar.

Ele começou a subir, mas Ellen hesitou antes de acompanhar o irmão.

— Será que ele subi*u* mesmo? Olhe. Diretamente sob os pés da garota, havia uma tampa de aço com os dizeres "MANUTENÇÃO". Tais saídas estavam espalhadas pelos esgotos e levavam à sala de estocagem sob o nível principal. Os gêmeos já haviam explorado a maioria, mas nunca encontraram nada de interesse além de meia dúzia de ferramentas enferrujadas.

Nesta, porém, havia uma poça de goma branca de cheiro forte.

— A marca denunciadora — comentou Ellen se agachando. Ela agarrou o pesado disco e deulhe um puxão. O disco se abriu com um guincho pavoroso revelando um duto estreito com degraus que desciam. Uma luz laranja brilhava

embaixo.

— Preso como o Bicho em um cano de escoamento — comentou Edgar.

Os gêmeos desceram os degraus de ferro e aterrissaram em um tapete macio.

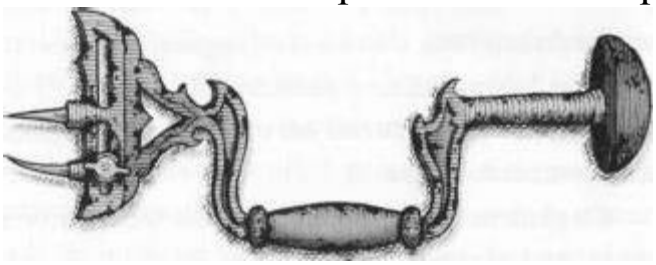
— Que lugar *é e*sse? — sussurrou Edgar.

Em vez do compartimento úmido e sujo que imaginavam, o aposento poderia ser a melhor sala de visitas da casa mais elegante de Nod's Limbs.

Lampiões de óleo lançavam uma luz instável sobre a pedra e havia fogo ardendo em um fogão de ferro. Pinturas a óleo e mapas decoravam as paredes. No meio do aposento havia uma cadeira de espaldar alto, um diva e uma mesa lateral. As prateleiras exibiam livros grossos encadernados em couro e uma variedade de ferramentas manuais antigas. Mas nada de Pedreiro.

— Exploramos todos esses compartimentos de manutenção em algum momento: por que nunca vimos isso? — perguntou Ellen.

— Parece que as coisas mudaram desde a nossa última visita — respondeu Edgar. Ele apanhou uma ferramenta em uma das prateleiras; tinha dobras no cabo e uma perigosa ponta bifurcada. — Olhe só que beleza. Para que *será?*



— É uma Faversham 1912 para fabricar juntas de vedação — disse uma voz às costas deles. — E só restam vinte no mundo inteiro.

34. Bem-Vindos à minha sala de Visitas

Os gêmeos se viraram e depararam com uma figura magra e encapuzada saindo de trás de uma tapeçaria.

Seja o que for que os gêmeos esperassem do estranho, não foi uma risada leve e simpática que os saudou. O Pedreiro deu um passo à frente e baixou o capuz:

apareceu uma moça.

Tinha feições bem marcadas — e queixo anguloso e faces magras. Os cabelos desciam até os ombros e seus olhos verdes cintilavam na penumbra. Não devia ter mais de vinte anos. No alto da cabeça carregava estranhos óculos pretos, grandes e maciços como uma máscara de mergulho.

— Bem-vindos ao meu esconderijo particular — disse fazendo um gesto largo. — É um refúgio de família abandonado há muito tempo. Recentemente restaurei sua antiga glória. — Ela retirou os óculos da cabeça.

— Ah, visão noturna — disse Edgar. — Boa idéia.

— Você é observador — comentou a moça. — À exceção, naturalmente, de que deixou passar aquela porta escondida em seu próprio porão.

— Nós a encontramos, não foi? — replicou Ellen. — Estamos aqui para levar as nossas coisas, sua ladra.

— Então vocês realmente acham que me descobriram graças ao seu talento detetivesco, é? — perguntou o Pedreiro dando uma risada. — Eu esperava que me encontrassem. Sem dúvida fiz muito barulho. Até um rato surdo poderia ter seguido o estardalhaço. Não, eu os conduzi até aqui. Fiz questão que me vissem fugindo, e deixei aquela pegada de goma branca no poço de inspeção. Ah, sim — a moça apontou para Ellen —, e também salvei-a daquele mergulho no esgoto. — Ellen apertou os punhos.

— Mentiras! Você está escondendo a sua mancada! — respondeu a garota. — A charada do Pedreiro acabou. Os subterrâneos são o n*osso d*omínio.

De repente, a expressão risonha da mulher desapareceu.

— Minha família construiu cada centímetro desses esgotos, assentou cada pedra e abriu cada canal! — gritou ela com a força de uma bola de demolição. — Este é o *meu d*omínio, menininha.

Edgar enfiou a mão em sua mochila e silenciosamente ligou o gravador.

— Quem é você? — perguntou ele.

— Sou o Pedreiro.

— Espere aíiiii — disse Ellen. — Sua família construiu este lugar? O seu nome está em cada lajedo. Você é uma Smithy!

A mulher piscou.

— Muito bem. Eu s*ou uma Sm*ithy: Eugênia Smithy, e me orgulho de descender de gerações de grandes engenheiros.

— Você diz que nos *atraiu* até aqui. Para que se dar a esse trabalho? — perguntou Edgar.

— Tenho uma proposta a lhes fazer — disse o Pedreiro. — Vocês gostariam de se livrar da Construtora Smelterburg de uma vez por todas?

35. Mentes superiores pensam igual

— Como assim? — perguntou Edgar. — Sentem-se e explicarei tudo. — Eugênia se encaminhou para a poltrona e fez sinal para os gêmeos se sentarem no divã.

— Não estou gostando disso, Edgar — sussurrou Ellen. — Devíamos apanhar os nossos planos e dar o fora daqui.

— Vamos ouvir o que ela tem a dizer. Faça-a falar.

— Ele deu uma palmadinha na mochila e Ellen concordou com um aceno de cabeça. Eles se sentaram no descanso estofado para pés.

— Fico satisfeita de conhecer vocês finalmente — disse Eugênia. — Vocês fazem um trabalho impressionante, pelo que observei no Primeiro Festival da Torrada Francesa. A Smithy & Filhos mandou um fotógrafo para registrar a nossa gigantesca jarra de xarope em funcionamento. Quando examinei as fotos da catástrofe, vi vocês, dois diabretes no meio do caos.

Os gêmeos sorriram sem querer.

— Então ouvi vocês arranhando aquele horrível capo de carro na entrada para o meu pequeno refúgio.

Vocês transportaram uma enorme quantidade de tijolos naquela noite.

— Você também — disse Ellen. — Você roubou os nossos tijolos e os nossos planos. Por quê? Qual é o seu interesse no lixão?

— Não estou minimamente interessada no lixão. Sou contra a negligência e a má qualidade dos serviços da Construtora Smelterburg. — Eugênia se inclinou para mais perto.

— Aquele contrato do Knightlorian devia ter sido assinado comigo, com a minha companhia. Smithy & Filhos construiu todas as estruturas importantes de Nod's Limbs desde a fundação da cidade: a prefeitura, a torre do relógio, as casas, as escolas, as empresas. Durante dez gerações, o legado da Smithy trouxe solidez e arte a Nod's Limbs. O hotel do prefeito é o maior projeto dos últimos tempos, mas ele contratou os patetas da Smelterburg sem qualificações suficientes e padrões de qualidade ainda menos suficientes, e sem a menor preocupação com a *beleza*.

— Então você está enciumada. Eugênia levantou-se de um pulo.

— Nunca terei ciúmes daqueles pedreiros trapalhões que fazem o serviço pela metade! — exclamou a moça. — Eles são o oposto de tudo que Smithy & Filhos simboliza.

— Entendo — concordou Ellen. — Ciúmes.

— Não, você não está entendendo. Eles... eles... — Eugênia corou e fez força para recuperar o fôlego. — Eles usurparam o trabalho que nasci para realizar.

Eugênia se recompôs e continuou.

— Quando meu pai se aposentou, eu me tornei a primeira mulher a dirigir a Smithy & Filhos, e tinha apenas dezenove anos! A companhia ia passar a se chamar Smithy & Filhos & Filha. Mas então aquela cobra do Knightleigh escolheu a Smelterburg para executar o seu projeto. Ele disse que a Smelterburg traria um "ar novo e arrojado à nossa cidade", mas eu sei que ele os contratou porque eram mais rápidos e mais baratos. Bem, talvez sejam, mas você sempre recebe o serviço pelo qual pagou. Aquele idiota do Gus não respeitou nem as regras mais básicas de

construção.

"Quando meu pai soube que tínhamos perdido o projeto, ele me acusou de envergonhar a família e me baniu da companhia. Mas se eu conseguir expulsar a Smelterburg talvez a Smithy & Filhos ainda possa terminar o hotel. E meu pai me devolverá o emprego."

— Mandada embora pelo pai — comentou Ellen. — Doeu.

— Que é que isso tem a ver conosco? — perguntou Edgar.

— Eu tinha planos para me livrar da equipe da Smelterburg, mas exigiam muita coisa, eram complicados demais. Quando vi os seus planos para os tijolos, percebi que eram a resposta. Fáceis. Simples.

Vocês demonstravam o tipo de criatividade de que eu precisava.

— Simples? Você achou que os nossos planos eram simples? — perguntou Edgar. — Até a catapulta?

— Claro. Eu sou filha de construtor.

— E não sabe pensar sozinha! — exclamou Ellen. — Você não é engenheira, é uma ladra!

— Posso aperfeiçoar qualquer plano — disse Eugênia. — Encontro os erros e corrijo-os. Vocês inventaram a Operação Chicote para derrubar patinadores no rinque, uma brincadeira infantil sem sentido. Alterei-a para soprar confete e vejam os resultados!

— Tenho de admitir que f*oi* um toque dramático — falou Edgar.

— Edgar! — Ellen chutou o pé do irmão, mas ele não lhe deu atenção.

— Então, que planeja fazer com aquele bálsamo? Emperrar as engrenagens das máquinas de terraplena-gem?

— Bálsamo? Do que é que você está falando? — perguntou Eugênia.

— Aquela gosma branca no seu laboratório, embaixo de nossa casa — disse Edgar.

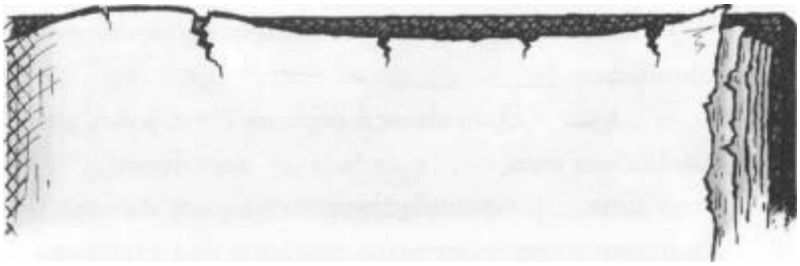
— Nossa, aquilo não é o meu laboratório!

36. Exigência de um conspirador

— Não se faça de tola — disse Ellen. — Sabemos que você está tentando impedir que aquele laboratório seja descoberto. Lemos o seu diário.

— Que diário? — perguntou Eugênia.

Ellen enfiou as mãos na mochila de Edgar para apanhar o diário; puxou-o debaixo de Bicho, cujos pêlos pareciam ter envolvido o livro. Ela o abriu e começou a ler:



O meu caminho diário quase cruzou o de K-, que apreciaria qualquer chance para me desmoralizar. Resolvi me concentrar mais decididamente no meu projeto para o bálsamo — nada de me arriscar lá fora! Se puder ligar o meu laboratório aos esgotos ainda poderei me deslocar pela cidade sem ser visto.

Ellen fechou o livro.

— Isto *só* pode ser seu — disse a garota. — K obviamente é Knightleigh. E toda essa furtividade.

— Só o que posso dizer é que nem o livro nem o laboratório são meus — negou Eugênia. — Nunca tinha visto esse lugar até uns dias atrás. Na noite em que vocês transferiram os tijolos, reparei na parede coberta de musgo no ramalzinho distante do esgoto que vai para o seu lado. A parede não foi construída por um Smithy. Era, é claro, a porta secreta que leva ao laboratório.

— Então de quem é o laboratório?

— Não faço a menor idéia. Talvez seja da pessoa que construiu sua casa.

Edgar e Ellen se entreolharam.

— Mas isto não nos interessa no momento — continuou Eugênia. — Os seus planos não são suficientes; atrasar as obras só funcionará por algum tempo. Quero que descubram uma maneira de expulsar a Construtora Smelterburg de Nod's Limbs para sempre.

Ellen virou para o irmão:

— Edgar, ela é pirada.

— É óbvio que vocês dois gostam de provocar o caos na cidade. Esta é a sua grande oportunidade. Posso ajudá-los. Juntos podemos armar um espetáculo ainda maior do que o do Festival da Torrada Francesa. Vocês podem causar ao prefeito Knightleigh um desgosto indizível e eu conseguirei o meu contrato. — Eugênia se levantou e andou pelo pequeno aposento, girando os óculos.

— E se não concordarmos? — perguntou Ellen.

Eugênia parou e encarou-os. De repente os degraus de ferro da escada de

entrada afundaram silenciosamente na parede.
Os gêmeos não iriam a parte alguma.

37. Virando a mesa

— Eu esperava que pudéssemos formar uma parceria — disse Eugênia. — Não queria usar a força. Edgar examinou a parede.

— Como foi que você fez isso? — perguntou ele.

— E mais — continuou Eugênia —, os seus preciosos planos estão em jogo. — Ela apanhou um rolo de papéis em um armário e segurou-os junto ao fogão. — Ou me ajudam ou os seus desenhos vão virar cinza.

Foi a vez de Eugênia se surpreender quando Ellen caiu na gargalhada.

— É essa a sua ameaça? Vamos, queime tudo! — exclamou Ellen.

Edgar engasgou:

— Você enlouqueceu?

— Edgar, se ela os queimar, estará perdida. Não tem idéias novas e a carreira dela como Pedreiro acabou. Mas com a nossa genialidade, querido mano, sempre poderemos...

— Sempre poderemos traçar outros planos! — berrou Edgar. — Ameaças débeis, sua valentona desprezível! É melhor os nossos projetos virarem cinza do que caírem em mãos erradas.

Pela primeira vez, Eugênia não encontrou resposta. Seus olhos correram de um gêmeo para o outro, mas nenhum dos seus jovens visitantes demonstrou o menor sinal de preocupação. Ellen pegou uns carvões e atirou-os ao fogo, enquanto Ed gar voltou a examinar a parede onde tinham estado os degraus de ferro.

— Há! Vocês se atrevem a pagar para ver?! — exclamou Eugênia. E jogou o rolo de papéis no fogo. As chamas se avivaram e crepitaram.

— Interessante — comentou Edgar, ainda cutucando a parede. — O mecanismo está tão bem escondido que não consigo desarmá-lo.

— Vocês vão me ajudar senão... senão... — O olhar de Eugênia recaiu sobre a mochila de Edgar e a bola de pêlos que saía dela. Antes que qualquer dos gêmeos pudesse reagir, ela avançou para a mochila. Agarrou Bicho pelo cangote e puxou-o para fora.

— Me ajudem ou nunca mais verão o seu gatinho!

— Gatinho?! — exclamaram Edgar e Ellen a uma só voz.

— Que me dizem? Estão prontos para dar adeus ao Fofo? Seria uma desgraça se... se...

Pela primeira vez, Eugênia olhou com atenção para o animal que segurava e percebeu que de fato não era um gatinho.

Nem um hamster.

Nem outro animal que já tivesse visto. Bicho piscou seu único olho e Eugênia largou-o com um grito.

— Que coisa é essa? — guinchou. Não tendo outra arma à mão, ela jogou desajeitadamente os óculos na coisa peluda. Os óculos caíram ao lado de Bicho, então um rangido metálico atraiu a atenção dos gêmeos para a entrada. Os degraus reapareceram.

Edgar se abaixou para apanhar os óculos e soltou uma exclamação.

— Um transmissor! — Ele mostrou à irmã um botão sob as lentes. — Genial. — Ele apertou o botão várias vezes, observando os degraus desaparecerem e reaparecerem na pedra. Por fim Ellen arrebatou os óculos das mãos dele e apanhou o gravador na mochila. Virou-se então para Eugênia.

— Temos cada palavra de sua história gravada. Se virmos mais um tijolo fora do lugar, contaremos à cidade quem você é, e você não arranjará trabalho nem como cavadora de valas em Smelterburg. Vamos, Edgar, não temos mais nada a fazer aqui.

— Ainda não — respondeu o irmão e arrebatou o corta-juntas Faversham da prateleira.

Os gêmeos subiram as escadas para sair do refúgio e deixaram Eugênia perplexa e muda diante das labaredas do seu fogão.

38. Vista do alto

Quando chegaram ao alto da escada, Edgar cutucou Ellen.

— Mana, nós temos uma coisa em comum com a Eugênia, sim. Queremos a Smelterburg fora daqui.

— Não, mano, não temos. A Smithy & Filhos entraria no lugar deles. Intruso diferente, mesmo problema.

Os gêmeos saíram pela porta do tonel e subiram lance a lance a escada até o topo da casa, onde escalaram mais um lance para o sótão-sobre-osótão. Edgar espiou pelo óculo do seu telescópio para avaliar o problema das abelhas lá embaixo.

Mas não viu nenhum enxame de abelhas. Viu um enxame de operários de capacete.

— Ellen, Knightleigh se livrou das abelhas! Os operários da Smelterburg voltaram a limpar o lixão!

— Quê? Como foi...? Me deixa ver! — Ellen afastou Edgar.

Vários operários trançavam pelo terreno, mas não estavam espantando insetos, estavam retirando as últimas peças de ferro velho da área. De repente, surgiu um veículo reluzente que parou à entrada do cemitério. Era a limusine do prefeito.

— Ótimo. Knightleigh está lá também — disse Ellen. E não só o prefeito. Stephanie, o irmãozinho Miles e a mãe desembarcaram do carro, vestidos nos trinques. Um homem com uma câmera pendurada ao pescoço se aproximou da família e conduziu-a ao lixão.

— Hum. Uma foto da pedra fundamental do hotel para o jornal — informou Ellen. — Gostaria que alguém apedrejasse *eles*.

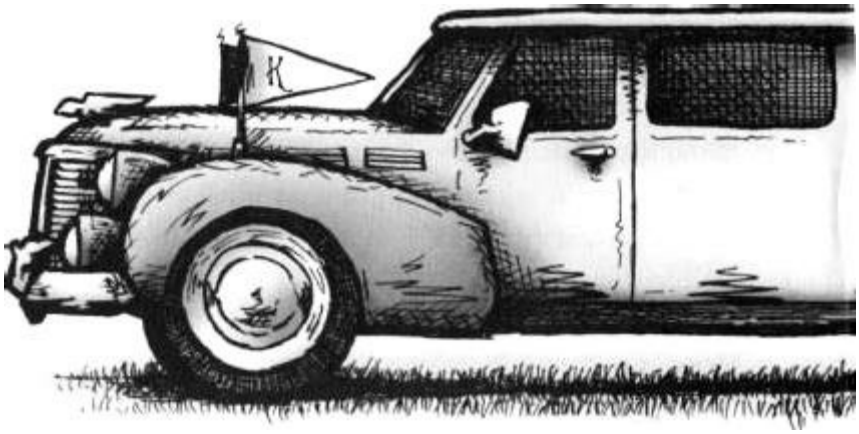
Nesse meio-tempo, dois operários foram em direção ao canto do lixão. Examinaram rapidamente o terreno e agarraram o objeto mais próximo. Ellen assistiu, horrorizada, cada um dos homens agarrar uma extremidade da cama de Berenice e ergueremna nos ombros, arrancando a planta do chão.

Ellen soltou um grito estridente e desembestou escada abaixo.

Antes de segui-la, Edgar voltou ao telescópio, sabendo e receando o que iria ver.

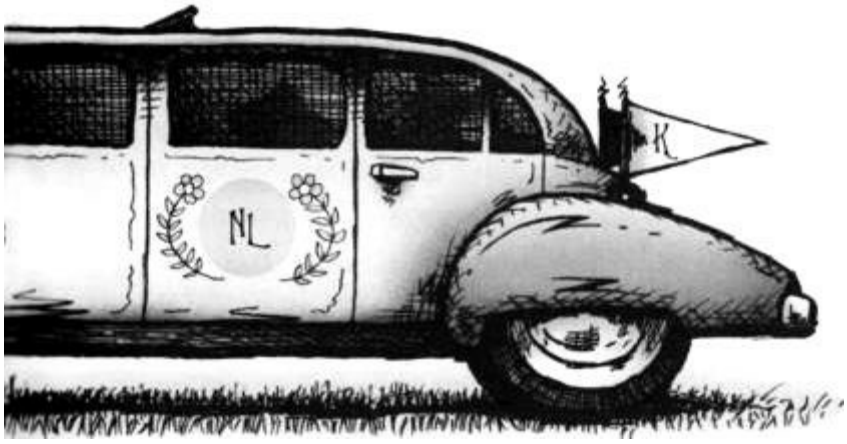
O tronco de Berenice estava dobrado ao meio e a maior parte de seus galhos e gavinhas tinham se rompido. Sua cabeça jazia no chão, ainda milagrosamente presa à haste, mas havia um corte da boca à garganta e um líquido vermelho escuro escorria do ferimento.

Os Knightleigh se aproximaram do local com pás novas em folha e posaram em semicírculo ao



redor da planta. O fotógrafo se ajoelhou e focalizou a família enquanto Stephanie sorridente apontava a pá para o corpo mutilado de Berenice.

— Não — sussurrou Edgar, precipitando-se escada abaixo atrás da irmã.



39. O enterro

— AAAAAAAIIIIIIIIIEEEEEEEE! Edgar ouviu o lamento enquanto saía correndo pela porta da casa, e percebeu que era tarde demais. O som, o grito de alma penada ecoou pelo Cemitério de Utilidades. Ele encontrou Ellen junto ao muro do lixão, mal e mal escondida dos Knightleigh, atrás da última pilha de lixo. Ela olhava fixamente para Stephanie.

A filha do prefeito segurava a distância os restos estraçalhados de Berenice, cujas raízes cortadas se penduravam para fora da pá. Toda a família Knightleigh pareceu se sobressaltar com o grito e procurou ver ao redor de onde viera. Edgar puxou Ellen para trás de uma pilha de longarinas de aço.

— E, naturalmente, a remoção deste lixão acabará com o problema dos gatos vadios nesta área — disse o prefeito Knightleigh. — Outra contribuição positiva do Hotel Knightlorian à comunidade.

— Naturalmente — concordou o fotógrafo constrangido. — Em todo o caso, acho que obtivemos a foto. Já terminamos aqui.

— Arre. Que nojo, gatos sarnentos! — exclamou Stephanie. — E que planta horrorosa é essa? — perguntou, olhando para a forma pendurada em sua pá.

— Uma bem legal — respondeu Miles. — Para que a matou, Steph? Eu queria a planta para mim.

— Que nojo, Miles. Tudo aqui é horroroso. Quero ir para casa.

— Depressa, entre no carro, querida. Já estou sentindo a sujeira embaixo das minhas unhas — disse a mãe.

Os Knightleigh deixaram as pás no chão, voltaram à limusine e partiram. A equipe de construção também se preparou para sair. Logo tudo ficou silencioso e Edgar saiu do seu esconderijo.

— Está muito ruim? — perguntou Ellen baixinho.

Edgar olhou para a pá que Stephanie abandonara com Berenice. Suas raízes pardas estavam picadas e a cabeça agora estava quase decepada na metade. O líquido arroxeado que vazava de sua boca fraturada tinha, em alguns pontos, secado formando uma crosta marrom.

— Está. Muito ruim — respondeu o garoto. Ellen se aproximou devagarinho. Não falava.

Edgar olhou-a preocupado. Normalmente sua irmã não ficava nada quieta quando se aborrecia. A sua quietude o assustava.

— Ellen? — chamou ele.

A garota continuou em silêncio.

— Você está bem?

Ellen não despegava os olhos de Berenice. Sentia uma comichão na base do crânio e uma ardência nos olhos. Sua garganta latejava como se ela tivesse engolido pedra.

— Acho que estou ficando enjoada.

Edgar se inquietou. Carinhosamente puxou uma das trancinhas da irmã, mas ela não reagiu.

— Vamos dar uma olhada no Cemitério de Utilidades antes que eles retirem tudo — convidou Edgar. — Acho que vi um ímã industrial junto ao muro.

Silêncio.

Ele segurou a mão da irmã.

— Vamos, mana. — Edgar pensou por um momento. — Ei, tenho uma grande idéia para uma brincadeira nova com o Bicho. Chama-se "Quica o Bicho".

— Você é totalmente desalmado? Não podemos deixá-la aqui! — gritou Ellen.

— Que vamos fazer com ela? Ela morreu, Ellen: despedaçada.

A garota olhou ao redor desatinada. Seus olhos bateram em uma área gramada quase ao fundo do cemitério vizinho.

— Vamos enterrá-la. — Ela apanhou Berenice e uma pá e se dirigiu ao trecho gramado. Edgar seguiu-a levando outra pá.

A garota deitou Berenice cuidadosamente no chão e começou a cavar. Edgar imitou-a. Logo tinham feito um buraquinho.

— Bem, provavelmente já dá — disse Edgar.

— Seis palmos, Edgar! Todo mundo aqui está a seis palmos! — berrou Ellen cutucando o irmão com a pá. — Continue a cavar.

Edgar não se atreveu a desobedecer: a pá da irmã estava mais afiada que a dele. Os dois continuaram até Ellen achar que a cova tinha profundidade suficiente. Quando ela ia baixar Berenice à cova Edgar puxou um lenço da mochila.

— Tome. Uma mortalha.

Ellen envolveu o cadáver estiolado no lenço e gentilmente depositou Berenice no fundo da cova.

— Ao pó — sussurrou. Ela saiu da cova e começou a repor a terra retirada. Quando encheram a cova, os gêmeos se afastaram.

— Espere! Espere um segundo Ellen — disse Edgar de repente e saiu correndo para o lixão. A garota também foi andando em direção ao Cemitério de Utilidades, para a cena do assassinato.

As sementes duras e brancas que no passado cresciam na boca de Berenice estavam espalhadas no chão: tinham caído quando Stephanie a golpeara cruelmente com sua pá. Algumas estavam mancha das com os corrosivos sucos digestivos da planta, como se Berenice tivesse tossido e cuspido sangue.

Apesar dos fracassos anteriores, Ellen jurou fazer uma última tentativa de reproduzir a planta. Ela recolheu até a última semente e sentiu uma pontadinha de esperança.

Edgar correu para a irmã.

— Tome — disse ele —, uma lápide decente. — E entregou a Ellen um caco de concreto em que gravara toscamente "BERENICE" com uma talhadeira que tirara da mochila. Os dois voltaram à cova e enterraram a pedra à cabeceira do túmulo.

— Acho que acabou — disse Ellen. Mas antes de ir embora eles cantaram um hino fúnebre, a última canção para Berenice.

Sob a armação da cama, somente a terra viu
Como você brotou e na ferrugem cresceu...
De volta à terra nós a confiamos
Pois foi dela que você surgiu.
Foi-se o prazer de dar-lhe insetos,
Bela Berenice, vamos sentir saudades,
Aqui a deixamos, tristes, tristes,
Para o todo e sempre.

40. A queda de Edgar e Ellen

Quando terminaram, Ellen deu uma última pancadinha na terra com a pá. Todo o seu corpo tremia.

— *Devo* estar doente — disse ela, tentando firmar os braços. — Veja, não consigo parar de tremer.

— Não é só você, mana — respondeu Edgar. Ele também balançou. — É o chão! É um terremoto!

Mas não era um terremoto. Os gêmeos ouviram um ronco que vinha de baixo e o chão cedeu sob seus pés. Estavam caindo — caindo em meio a uma nuvem de terra para dentro de um sumidouro. Torrões de terra amorteceram sua queda.

— Eca! — Edgar livrou a cabeça de um aglomerado de terra.

— Puxa! — exclamou Ellen, cuspindo a terra da boca. — Onde estamos?

Os gêmeos olharam ao redor e viram um túnel natural alongando-se para cada lado.

— Mais uma passagem secreta! — admirouse Edgar.

— Pelo menos é um lugar de descanso melhor para Berenice — disse Ellen. — Não quero que os assassinos vejam seu túmulo.

Edgar enrugou a testa. Olhou para os dois lados da passagem. Apesar da escuridão que os envolvia, os ecos de suas vozes indicavam que o túnel se distanciava em ambas as direções.

— Ellen, você lembra da colméia de câmaras que levava ao barraco de Heimertz?

Ellen não respondeu. Ficou sentada tirando terra do ouvido.

— Aquele diário também mencionava isso — continuou Edgar. — Os túneis formam uma verdadeira rede embaixo do cemitério e do lixão.

— Quer parar de falar em túneis? São apenas uma chateação. Nem consigo acreditar que seja tão fácil atravessar...

Ellen parou e alisou uma trancinha.

— Entendo. Eles estão construindo o hotel em cima de um queijo suíço.

— Tenho uma idéia, mana, mas precisamos consultar alguém que conheça transmissores.

4l. Eugênia protesta

— Tenho certeza de que as cavernas que vocês encontraram passam por baixo do canteiro de obras. É pura sorte que a construtora ainda não tenha topado com elas.

Os gêmeos tinham trazido a moça ao Cemitério de Utilidades para explicar seu plano. Os operários tinham removido o que restava do lixo e começavam a cavar um buraco gigantesco onde iriam despejar concreto. Eugênia deu uma espiada.

— A equipe da Smelterburg nem fez o levantamento do terreno. Detesto trabalho malfeito — comentou ela com um suspiro.

— Fantástico. Então todos obteremos o que queremos? — perguntou Edgar.

Eugênia se afastou do buraco para as fundações.

— Sua idéia me parece perigosa. Não quero *demolir nada*. Eu construo coisas. Não as destruo.

— Você não quer sujar as mãos — disse Ellen.

— Não, não vou fazer o que me pedem — replicou Eugênia. — Terão de pensar em outra coisa.

Edgar tirou o gravador da mochila e ligou-o.

— Você se esqueceu? — perguntou ele quando ouviram a voz de Eugênia pelo

microfone.

"Me ajude a expulsar a Smelterburg..." Edgar desligou o gravador e rebobinou a fita.

— Um passo em falso e contaremos a Knightleigh quem é realmente o Pedreiro.

42. Semeando

Enquanto Edgar e Eugênia permaneciam no Cemitério de Utilidades fazendo medições, Ellen voltou para casa, queria plantar as sementes de Berenice. Em cima de uma mesa coberta de terra, as sementinhas pontiagudas aguardavam enfileiradas diante de vários potes.

— Berenice pode ter desaparecido, mas vocês, pequeninas, vocês vão brotar maiores e mais vorazes — disse a garota às sementes aninhando-as na terra e salpicando-as com água. — Sei que este não é o seu clima preferido, mas garanto que receberão muita comida. Talvez vocês possam um dia se banquetear com a Stephanie. — Ellen empurrou com uma pazinha enferrujada a terra do último pote e notou que sobrara uma semente. — Humm. Mais um pote — comentou. E correu para a entrada da casa onde Edgar deixara sua mochila em cima da mesa. Dentro ela encontrou um dos béqueres malcheirosos que o irmão apanhara no laboratório. Fez o possível para limpá-lo.

— Toda essa meleira: mas é a única vasilha à mão. — Ellen voltou aos potes para plantar a última semente.

43. Dia da fundação

Chegou finalmente o grande dia e toda Nod's Limbs compareceu ao evento. Os que levaram piqueniques espiaram cautelosamente pela borda do grande buraco para as fundações antes de se acomodarem sobre suas cobertas ou fazerem fila nas barracas listradas de amarelo e vermelho que vendiam hambúrgueres e cachorros-quentes

(que para a ocasião tinham sido batizados de "Smelterbúrgueres" e "Escava-quentes"). As crianças saíam da barraca de tatuagem com martelos e pregos pintados nas bochechas e se aglomeravam ao fundo do terreno onde o chefe dos bombeiros Lugwood supervisionava os passeios na máquina de terraplenagem.

O prefeito Knightleigh andava para lá e para cá em um palco improvisado que fora erguido na borda do buraco. Havia um guarda de cada lado.

— Não se preocupe, papai — disse Stephanie juntando-se ao pai. — O Pedreiro não vai fazer nada hoje: ele não se atreveria.

— Claro que não. Sou o prefeito e estou aqui! — Em seguida ele passou a mão pela testa onde o suor começara a brotar e se inclinou para Stephanie. — Ainda assim — sussurrou — quero que você patrulhe a multidão. Fique atenta para qualquer coisa diferente.

— Mas eu quero estar aqui em cima quando você der a todos a grande notícia. Estou usando a minha roupa nova! — Ela apontou para a saia lilás pregueada.

— Escute aqui, mocinha. O seu dever é contribuir para que o dia de hoje seja perfeito. Este hotel trará fama e dinheiro para a nossa família. Agora faça a sua parte.

— Sim, papai — respondeu a menina malhumorada descendo do palco para se reunir à multidão de gente que fazia piquenique.

44. Drama atrás dos sanitários

Edgar e Ellen espreitaram por trás de uma fileira de sanitários portáteis. Era o lugar em que tinham maior probabilidade de evitar a multidão, porque os habitantes de Nod's Limbs recusavam qualquer opção que não fosse o aroma de limão e o conforto tranqüilo dos seus impecáveis banheiros domésticos.

Ao lado deles, Eugênia Smithy apalpava nervosa a caixa fina e plana de metal com um botão vermelho no meio — um transmissor.

— Podemos acabar logo com isso? — perguntou ela.

— Não! — exclamaram os gêmeos.

— Knightleigh vai fazer a habitual discurseira — disse Ellen. — Então, neste momento de triunfo: BAM! E*ssa* é a hora certa.

— Onde está a sua sensibilidade, Eugênia? — perguntou Edgar. — A nossa

operação precisa ser dramática.

O garoto observou as betoneiras, cujos enormes tambores giravam sem parar. As calhas das máquinas estavam posicionadas sobre o buraco vazio, prontas para despejar sua carga a um sinal do prefeito Knightleigh.

— Só precisamos continuar na moita mais uma hora — falou Edgar.

— Tudo que você faz é na *moita* — *disse* uma voz atrás deles.

Os três conspiradores se viraram e depararam com Stephanie Knightleigh.

— Pensei que ia encontrar vocês aqui hoje — disse ela.

— Você esteve *pensando?* — replicou Edgar. — Stephanie, você deve estar exausta.

— Não tanto quanto você, tenho certeza, em vista de toda a confusão que tem provocado na cidade. Espere só até eu contar ao meu pai que encurralei o Pedreiro. Ou será que devo dizer *Pedreiros?*

Ellen encolheu os ombros e fechou os punhos. Seus olhos eram fendas.

— Assassina — vociferou.

— Quê? — perguntou Stephanie.

— Assassina — tornou Ellen a xingar Stephanie.

— Do que é que você está falando? Você ficou maluca? Eu sabia que um dia isto aconteceria, mas...

Ellen investiu contra ela. Stephanie pulou para o lado bem em tempo.

— Você é doida! — berrou Stephanie. — Vou chamar os guardas do papai. — E fugiu.

Ellen fez menção de segui-la, mas Edgar a segurou.

— Não se precipite, mana. Temos ratos e corta-juntas para usar nela mais tarde. Depois que Eugênia apertar o botão, então você pode... Ei, cadê Eugênia?

O Pedreiro tinha desaparecido.

45. O blefe do prefeito

Eugênia andou pelo cemitério ainda apalpando o controle remoto. Parou junto a uma lápide de mármore ornamentada com um martelo e um serrote cruzados como espadas e embaixo os dizeres:

EZRA SMITHY NÃO DESTRUA, CONSTRUA

Era o túmulo de seu avô; o epitáfio era a sua filosofia, um credo que ela crescera ouvindo e segundo o qual ele vivera até recentemente.

— Não sei o que estou fazendo. Me desculpe, vovô — disse ela. — Mas mereço o contrato: quero dizer, o senhor teria feito o mesmo, não?

Seu momento de reflexão foi interrompido pelo pigarro do prefeito Knightleigh irradiado pelos alto-falantes.

"Meus caros conterrâneos de Nod's Limbs, bemvindos a este dia histórico. Daqui a anos poderão contar aos seus filhos, netos e bisnetos que vocês estiveram presentes ao advento de uma nova era em Nod's Limbs!

Mas a concretagem das fundações do Knightlorian não é a única ocasião momentosa de hoje. Tenho orgulho de anunciar que graças ã minha incansável energia, a da minha prefeitura e a do Departamento de Polícia de Nod's Limbs, prendemos a pessoa que tem aterrorizado esta bela cidade. Senhoras e senhores, capturamos o Pedreiro!"

Uma onda de excitação percorreu a multidão. — Os santos sejam louvados! Eles o pegaram!

— Era somente uma questão de tempo; a polícia de Nod's Limbs é a melhor força policial que já houve!

Edgar e Ellen se entreolharam.

— Quem é que o prefeito pensa que prendeu? — perguntou o garoto.

No cemitério, Eugênia se afastou da última morada de seu avô.

— O Pedreiro? Ele acha que prendeu o Pedreiro?! — exclamou a moça. E olhou aflita para os lados como se os policiais com algemas fossem saltar detrás das pedras tumulares a qualquer instante.

O prefeito Knightleigh fez um gesto pedindo calma à multidão.

"Para mostrar a vocês que não há mais o que temer, trouxemos o patife aqui hoje. Sei que isto pode assustar alguns, mas todos os moradores de Nod's Limbs precisam compreender que este monstro não poderá mais nos fazer mal!"

A multidão soltou exclamações quando o prefeito Knightleigh se dirigiu à beira do palco, onde um guarda fez subir um jovem acorrentado. Tinha cabelos longos e malcuidados e grossos óculos escuros. Sua barba esfarrapada pendia meio enviesada do queixo.

— Sr. prefeito, isto não estava previsto na descrição do meu estágio — sussurrou o jovem ao prefeito Knightleigh.

— Quieto, Bob. Está coberto pela cláusula 233: "Todos os estagiários devem respeitar e apoiar a legitimidade dos decretos municipais, desempenhando os deveres que o prefeito julgar necessários" — disse o prefeito.

— Mas quanto tempo vou ter de ficar na cadeia?

— Só uma noite. Devo dizer que estou um pouco desapontado com a sua atitude, Bob.

O prefeito levou o rapaz para o centro do palco. Um arrepio passou pela multidão.

"Este é o homem que começou o pesadelo, o maníaco que apavorou nossas noites. Mas isto acabou: vou providenciar para que ele seja julgado e condenado com o rigor previsto nas minhas leis!"

Eugênia engasgou.

— Ele prendeu a pessoa errada! A pessoa errada... pode ir para a prisão. Um homem inocente... — Knightleigh continuou seu discurso, mas ela não o ouviu. Eugênia olhou do túmulo de Ezra Smithy para o controle remoto e daí para o homem humilhado no palco. Não destruir...

Ela correu para o pódio.

46. Confissões de um anarquista

— Espere! Espere! — gritou Eugênia, desviando-se de um guarda e correndo escada acima para o prefeito Knightleigh.

— Ah, uma das minhas muitas admiradoras. Agradeço muito a sua gratidão... ah, você é a jovem Smithy. Mocinha, lamento que a sua companhia não esteja construindo o meu hotel, mas agora não é hora...

— O senhor prendeu a pessoa errada! — exclamou Eugênia. Naquele mesmo instante Stephanie Knightleigh chegou ao palco e gritou:

— Ele não é o Pedreiro! — O microfone captou suas palavras e as vozes das duas ecoaram por toda a área do piquenique.

— Quê? — O prefeito riu nervoso. — Claro que é: olhem só a cara dele. Não pode haver um ar mais culpado. Além disso, ele confessou. — O prefeito olhou aborrecido para a filha. Stephanie tentou falar, mas Eugênia interrompeu-a.

— Este homem *não* é o Pedreiro, posso garantir. Todo o tempo o Pedreiro foi contra uma coisa: a construção do hotel. O bloqueio da ponte impediu os caminhões de chegarem aqui... o mesmo fez a tempestade de confete. As abelhas tornaram o canteiro impraticável...

Os cidadãos permaneceram calados, exceto duas figuras pálidas ao fundo.

— Eu sabia que ela ia se acovardar — disse Ellen.

— Qual é a primeira regra quando se planeja um lance perfeito, mana?

— Não confiar em ninguém, mano.

— E a segunda?

— Sempre ter um plano alternativo.

O prefeito Knightleigh tentou conduzir Eugênia para fora do palco.

— Minha cara jovem, quem poderia querer sabotar o hotel? Ele significa muita coisa para mim... quero dizer, para Nod's Limbs!

— Tenho provas: a gravação de uma confissão do Pedreiro ver*dadeiro.* E o Pedreiro é... o Pedreiro é...

Mas naquele instante Eugênia ouviu ao longe um toi*mmm.*

47. Como construir um edifício muito alto

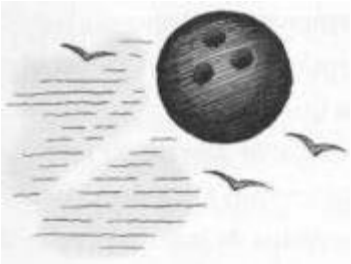
A solidez de uma estrutura depende de suas fundações. Elas ficam no buraco que os construtores enchem de cimento para sustentar o edifício com um material mais resistente do que o barro. Quando as pessoas dormem ou comem ou dão festas para inaugurar suas casas, fazem isso tranqüilas porque sabem que suas paredes estão firmemente ancoradas em duríssimo concreto.

Quando se constrói um hotel realmente alto — digamos de onze andares — o construtor precisa cavar um buraco muito mais fundo em terreno sólido (não pode ser, por exemplo, em um terreno vazado por túneis). Ele quer que o cimento forneça uma base inamovível para que a estrutura não se incline nem caia. Embora a Torre de Pisa pareça um belo cartão-postal, seria um péssimo hotel. Os hóspedes se queixariam que o batom escorregou da bancada do banheiro e os carrinhos de servir colidiram com as paredes.

É por isso que no dia da construção das fundações do Knightlorian, estacionaram enormes betoneiras dos lados do buraco. Quatro caminhões aguardavam para despejar, no momento exato, toneladas de cimento borbulhante e mole no buraco. Que instrumento útil para mentes demoníacas.

48. O Vôo da bola de boliche

Toimmm! fez a catapulta, lançando uma bola de bo



liche por cima das árvores
certeiramente no Cemité
rio de Utilidades. A bola
mergulhou em um carri
nho de mão vermelho.
Na mosca!
A bola fez o carrinho dar uma espetacular
cambalhota. Uma linha de pescar presa ao punho
do carrinho puxou a corda de um cortador de gra
ma e ligou-o.

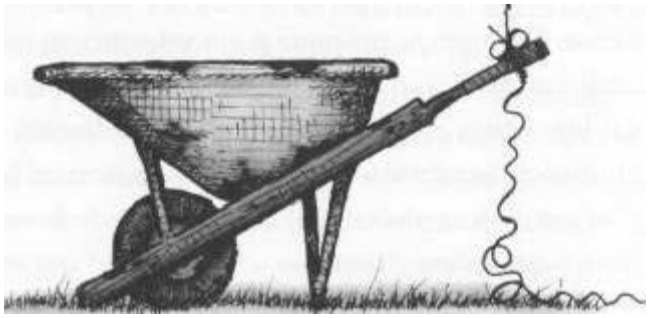
— Não, não, não — sussurrou Eugênia assistindo impotente do alto do palco. — Eu não apertei o botão.

Ainda assim o cortador de grama entrou em movimento, e fez exatamente o que ela planejara que fizesse. Um eixo na máquina girou velozmente, enrolando um fio fino que passava por baixo de cada uma das betoneiras empoleiradas na borda do buraco das fundações. Somente uma pessoa criativa com inclinações mecânicas poderia ter armado aquele fio para fazer o que estava fazendo.

Inesperadamente, cada caminhão em ponto morto engrenou uma marcha a ré. Uma cacofonia de bipes ecoou pelo ar avisando a todos que os caminhões estavam se deslocando para trás. Os motores roncaram como se alguém tivesse pisado fundo nos aceleradores, então, como quatro nadadores sincronizados mergulhando juntos, os caminhões se ergueram no ar. Chocaram-se exatamente no centro do buraco, e produziram uma explosão de metais retorcidos, cacos de vidro e concreto úmido.

Toda essa massa de destroços aterrissou com um impacto que sacudiu o chão muito além das divisas de Nod's Limbs, e fez a fina camada de terra no fundo do buraco ceder.

Em uma onda formidável, o concreto e o metal invadiram os túneis embaixo. Uma coluna de pó se elevou do buraco e torrões de terra e pedra choveram sobre todos. Pedaços dos caminhões explodidos afundaram no cimento derramado, abafando lentamente os últimos bipes até que tudo silenciou.



49. Bob tem uma teoria

— Meu hotel, meu belo, maravilhoso e perfeito hotel! Agora nunca poderá ser construído! — O prefeito Knightleigh sacudiu a cabeça entre as mãos, então virou-se furioso para Eugênia.

— Você sabe quem é o Pedreiro? Que*m? Me diga? Vou esmagá-lo com*o se fosse... como se fosse...

— Uma uva, senhor? — sugeriu Bob, o estagiário.

— Cale-se, Bob — disse o prefeito. — Uma uva! Vou *esmagá-lo como se fosse uma uva!*

Eugênia estava muda. Só o que conseguiu murmurar foi:

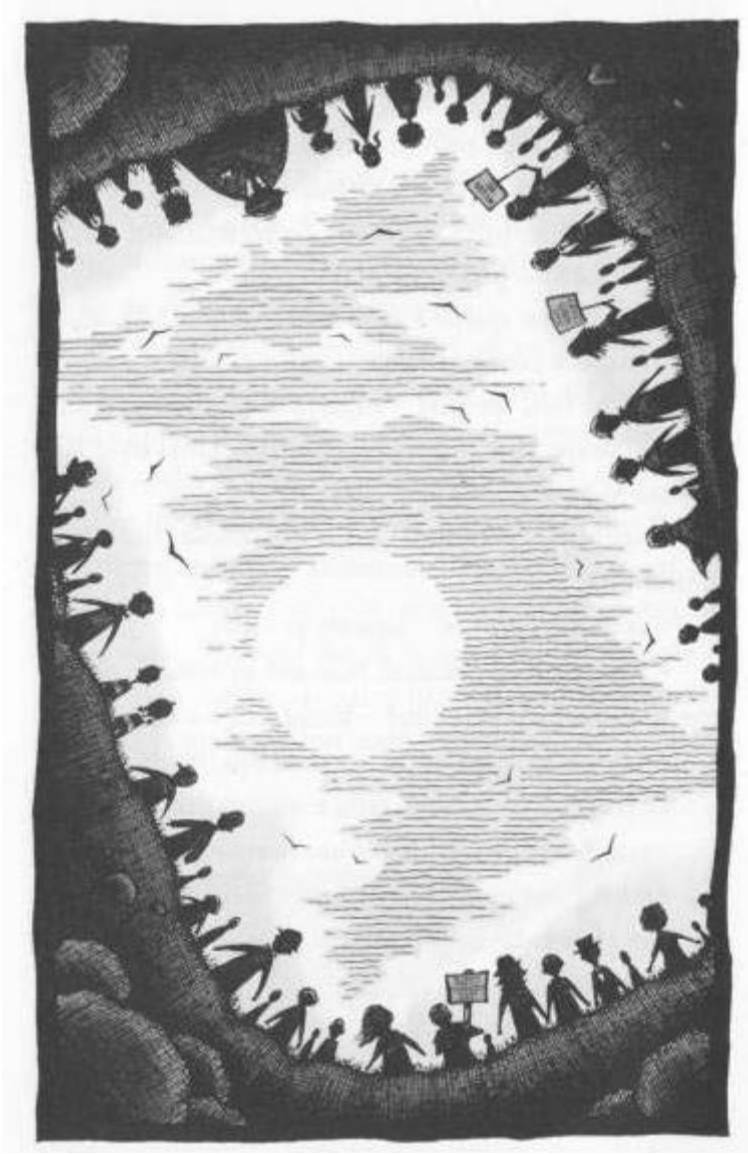
— Aqueles gêmeos... aqueles gêmeos...

— Que tem os gêmeos? Não me interessam os gêmeos. Quem é o Pedreiro? — Knightleigh exigiu saber.

— Os gêmeos: eu sabia! — exclamou Stephanie. Bob arrancou a barba falsa e espiou pela borda do buraco, na companhia de muitas pessoas da multidão. Lá embaixo, viram que até os destroços maiores tinham afundado nas profundezas da piscina de concreto, deixando a superfície lisa e tranqüila como um lago em noite sem vento.

— Sabe, sr. prefeito — falou Bob. — Acho que devia haver uma imensa caverna embaixo do buraco.

O prefeito encarou aborrecido o seu jovem estagiário.



— Quê? O que isso tem a ver com esta catástrofe?

— Senhor, se tivesse construído o hotel aqui, com o tempo ele teria desmoronado! — A voz de Bob ecoou pelos alto-falantes e um murmúrio de preocupação percorreu toda a área.

— Ora, Bob... ahum... pare de alarmar os nossos bons cidadãos — disse o prefeito transmitindo tranqüilidade em sua voz e encarando sua platéia. — Contamos com a perícia da Construtora Smelterburg a nosso serviço. Com certeza os responsáveis teriam sabido se o terreno não fosse firme.

— Com certeza — disse Bob. — Então por que não lhe informaram que o terreno poderia ruir com tanta facilidade?

O prefeito Knightleigh observou numerosas cabeças na multidão acenarem concordando. Ouviu vozes comentando:

— O rapaz esfarrapado tem razão! Por que não nos avisaram que isto poderia acontecer?

— De fato, isto cheira a sabotagem!

O prefeito adiantou-se rapidamente para o microfone e segurou-o.

— Smelterburg! Agora estou percebendo! Eu sabia que o prefeito Blodgett

estava planejando lançar uma iniciativa turística concorrente, mas nunca imaginei que ele levaria seus planos tão longe. Mandou uma equipe de construtores criminosos à nossa bela cidade para sabotar o meu novo... ah, o nosso novo hotel. E durante uma cerimônia pública para fazermos papel de bobos! Sacrificaram os caminhões para nos despistar. S*melterburg é o Pedreiro! Não* é verdade, srta. Smithy? Não era isso que queria me dizer?

A princípio Eugênia não respondeu. Encarou o prefeito durante vários segundos, então lentamente concordou com a cabeça.

— Conterrâneos, vamos ser gratos que uma Unidade Especial de Investigação da prefeitura tenha descoberto o plano covarde que teria nos custado uma exorbitância em dólares... e até vidas.

A multidão se encolheu gritando assustada. O prefeito Knightleigh continuou.

— Ah, sim, vidas! Muito bom, agente Bob. O trabalho deste homem fingindo-se de Pedreiro foi parte do meu plano para revelar o verdadeiro criminoso.

"Agora, cidadãos, garanto a todos que o Hotel Knightlorian ainda se erguerá em nosso horizonte! Encontraremos outro local e recomeçaremos..."

Em um mar de rostos sérios, dois grandes sorrisos saltitavam alegremente. Edgar e Ellen abriram caminho para chegar a frente da multidão. Estavam ligeiramente ofegantes, pois vinham correndo desde a catapulta na Reserva da Floresta Negra.

— Não, sr. prefeito, não precisaremos de um novo local — disse Eugênia espiando a cavidade.

Desta vez foi o prefeito que olhou espantado.

— Que quer dizer com isso?

— Me parece que o concreto inundou completamente os túneis subterrâneos. As fundações para o hotel Knightlorian serão mais sólidas que nunca. O senhor *pode* construir o seu hotel aqui.

— *Quê?!* — exclamaram o prefeito e os gêmeos ao mesmo tempo.

Edgar e Ellen subiram no palco.

— Eugênia, sua cascavel traidora — disse Ellen.

— Estou pagando na mesma moeda — replicou Eugênia.

— Vejam, as crianças da comunidade estão tão felizes que correm para o palco — disse o prefeito Knightleigh. — Venham, partilhem o seu espírito cívico conosco!

— Olhe isto. Vai arrasar o senhor: é a prova de quem é o ver*dadeiro* Pedreiro — disse Edgar tirando o gravador da mochila e segurando-o junto ao microfone. — Escute só isso.

Eugênia precipitou-se para Edgar, mas eleja tinha ligado o gravador.

— *Mal posso esperar para terminar o trabalho e voltar para Smelterburg. Do jeito que as coisas vão, este hotel está condenado."* — *A* voz de Gus, o capataz da Construtora Smelterburg, trovejou pelos alto-falantes.

50. Uma aliança de inimigos

— Edgar! Este é o trecho errado da fita. — Eu sei. Não estou entendendo. Devo ter passado do ponto quando rebobinei.

— Seu burro! Eugênia...

— Eugênia está muito grata aos seus queridos amigos pelo excelente trabalho de investigação que fizeram — disse Eugênia, arrebatando o gravador de Edgar.

— Sr. prefeito, como acabei de afirmar, as obras do seu hotel podem prosseguir conforme planejado... bem, com algumas alterações no projeto. Posso sugerir, no entanto, que o senhor contrate uma firma mais confiável e qualificada do que a Construtora Smelterburg?

— Naturalmente, srta. Smithy. Peço desculpas por não ter consultado vocês primeiro sobre a solidez deste terreno. Os Smithy construíram as mais belas estruturas de Nod's Limbs. — Então ele se virou para Gus, que subia apressado ao palco. — *Smelterburg!*

— Sr. prefeito, juro que estão enganados! Esse tal Pedreiro nos *atrasou. Nós* só queríamos fazer o nosso trabalho — disse Gus. Pelo menos foi isso que *tentou d*izer. Com a língua inchada pelas picadas da abelha, o que se o*uviu* foi bem diferente: — Seu, peeito, uo que eão en-anados...

— Conversa fiada? Ora, ele enlouqueceu de tanto remorso! — exclamou o prefeito. — Guardas, prendam esse Pedreiro, este capataz desonesto!

Quando os guardas levaram Gus, o prefeito Knightleigh acenou para Eugênia.

— Minha cara, temos de discutir alguns planos. —Já estou indo, sr. prefeito — disse Eugênia aproximando-se dos gêmeos.

— Sinto muito que tenha acabado assim — falou a moça. — Mas sou construtora e preciso seguir a minha vocação. Agradeço a vocês por toda a ajuda. O Pedreiro teria se orgulhado daquela idéia da bola de boliche. — Ela sorriu e acompanhou o prefeito.

— Vira-casaca — resmungou Ellen.

— Praticamente fizemos as fundações para eles — reclamou Edgar —, agora não podemos impedir a construção do hotel. Maldita Eugênia! Ela provavelmente tinha planejado isso desde o começo. — Os gêmeos se entreolharam e depois

olharam para o Pedreiro, que se retirava.

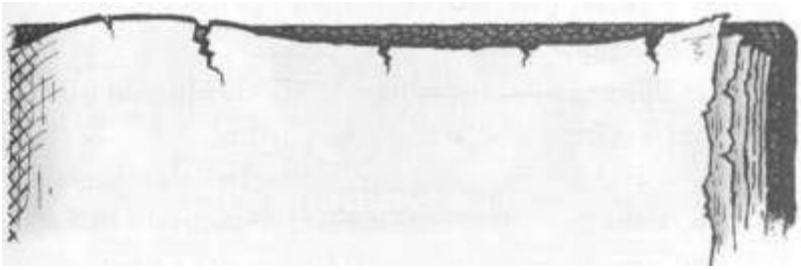
— Não — retrucou Ellen. — Isto teria exigido imaginação. — Os gêmeos voltaram para casa arrastando os pés, cabisbaixos, cantando uma toada tristonha.

Para nossa tristeza, para nosso pesar,
Nada de caçar tesouros amanhã,
Nada de utilidades a carregar...
Pedreiro demoníaco! Causa do nosso pesar!
Como chegamos a este ponto?
Nosso plano perfeito descarrilou,
Berenice destruída por uma pá,
Nosso tesouro o abismo tragou?
Para o fundo do buraco foram nossas idéias

Para sempre afogadas em concreto.

51. Brotação

31 de agosto



"Pilosoculos e eu regressamos de uma longa viagem pelas cidadezinhas costeiras. Levei algumas caixas do nosso produto acabado para ver pessoalmente como as pessoas reagiriam — os resultados me deram enorme prazer! Certa manhã em South Pineville, uma frágil velhinha entrou lépida em nossa estalagem e abraçou-me. Tinha comprado uma caixa na noite anterior e me informou que nunca se sentira melhor em muitos anos. Que dia feliz! Uma nota estranha: Pilos me pareceu preguiçoso a viagem toda e só retomou a sua animação normal quando voltamos ao laboratório. Suponho que o querido bicho só se desenvolva ingerindo a substância em sua forma pura — preciso lembrar-me de não impedir sua

entrada no laboratório por muito tempo.

— Bicho! Que é que você está fazendo? Afaste-se desse livro! — disse Ellen ao entrar na biblioteca.

Bicho estava em cima da escrivaninha diante do diário. Seu olho focalizava as páginas, mas ele desviou-o depressa e tentou sair discretamente antes que Ellen o alcançasse. A garota poderia jurar que ele também tentou empurrar o diário para levá-lo junto.

— Bicho, precisamos ter uma longa conversa sobre o seu comportamento esquisito.

Ellen agarrou o Bicho desconfiada olhando dele para o diário e novamente para o animal.

— Ha! Até parece que você sabe ler! — exclamou ela, fechando o livro com violência e metendo Bicho embaixo do braço. — Vamos, Bicho, está na hora de

experimentar uma nova brincadeira que Edgar chama de "Quica o Bicho".

Quando a garota saiu do aposento, olhou para a janela em cujo parapeito havia uma fileira de frascos.

— Nada ainda — suspirou ela.

Mas no final do parapeito, parcialmente oculto pela cortina rasgada, havia um béquer meio sujo.

Um brotinho verde saía da terra, banhado pelo sol poente.

FIM

Digitalização/Revisão: Yuna

TOCa DIGITaL